



Autonomia e Satisfação com a Vida em Jovens Institucionalizados

Lares de Infância e Juventude vs Apartamentos de Autonomização

MAGDA CRISTINA FRAZÃO NEVES

Dissertação apresentada ao Instituto Superior Miguel Torga para Obtenção do Grau de
Mestre em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização: Psicoterapia e Psicologia Clínica

Orientador: Professora Doutora Marina Cunha

Co-orientador: Mestre Alexandra Albuquerque

Coimbra, Novembro de 2011

AGRADECIMENTOS

Nada se faz sem esforço ou de forma solitária. Há sempre quem dê o seu contributo, directo ou não, apenas temos de o saber receber e operacionalizar. Muitas foram as pessoas que permitiram a realização deste trabalho e a todas elas dedico um grande agradecimento. Porém, de uma forma particular, desejo agradecer:

Aos meus pais, pela motivação, suporte basilar e olhar externo.

À minha irmã, pelo apoio e disponibilidade imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Ao meu marido, pelo companheirismo, compreensão, revisão criteriosa e constante questionamento crítico.

À Dra. Alexandra Albuquerque por todo o seu conhecimento prático e teórico, pela partilha, motivação e estímulo para chegar ao cerne.

À Dra. Marina Cunha pela disponibilidade para orientar este trabalho.

Às instituições que me abriram portas para o conhecimento das suas realidades.

Aos jovens participantes e para os jovens participantes, que permitiram que este estudo se realizasse.

E finalmente, às meninas de Fátima, que despoletaram esta fase académica de busca de conhecimento.

RESUMO

O principal objectivo deste estudo centra-se na compreensão das relações entre autonomia, satisfação com a vida e a satisfação com a instituição em jovens institucionalizados. Analisaram-se estes três conceitos nas suas relações com a idade, sexo e tipo de resposta social, incidindo a atenção nas diferenças existentes num acolhimento em lar de infância e juventude [LIJ] e apartamento de autonomização [AA].

Participaram neste estudo 181 jovens, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 13 e os 21 anos. Em LIJ estavam acolhidos 155 jovens e 26 em AA. Para avaliar a autonomia utilizou-se o Questionário de Autonomia dos Adolescentes e para a satisfação com a vida a Escala de Satisfação com a Vida. Foi elaborado um questionário com o intuito de avaliar a satisfação com a instituição.

De uma forma geral, os resultados indicam-nos que a satisfação com a vida está relacionada positivamente com a autonomia, na sua forma geral, com a dimensão autonomia funcional e com a satisfação com a instituição. A autonomia funcional encontra-se igualmente relacionada positivamente com a satisfação com a instituição. Os rapazes manifestam-se mais satisfeitos com a vida e com a instituição, assim como se sentem mais autónomos do que as raparigas. Os jovens mais velhos mostram-se mais autónomos que os mais novos, e a nível da resposta social é nos AA que se verifica maior autonomia, satisfação com a vida e com a instituição.

Podemos salientar que os jovens institucionalizados apresentam níveis de satisfação com a vida baixos, sejam eles jovens mais novos ou mais velhos. Verificámos também que a satisfação com a vida destes jovens é influenciada positivamente pela percepção de competência face à escolha de uma estratégia e sua concretização para atingir um objectivo. Finalmente, podemos perceber que os jovens acolhidos em AA se mostram menos insatisfeitos com a vida e com a instituição, assim como manifestam uma percepção de autonomia superior, aos acolhidos em LIJ.

Palavras – Chave: Autonomia Emocional, Autonomia Atitudinal, Autonomia Funcional, Satisfação com a Vida, Acolhimento Institucional.

ABSTRACT

The main objective of this study focuses on understanding the relationship between autonomy, life satisfaction and institution satisfaction for institutionalized youngsters. The analysis was based in these three concepts related to their age relations, sex and type of social care, focuses the attention on the differences between residential care and apartment care.

In this study participated 181 youngsters, of both sexes, aged between 13 and 21 years old. Of the 181 youngsters, 155 were placed in residential care and 26 in the apartments care (apartments focused in autonomy development). In order to evaluate autonomy was used the Adolescent Autonomy Questionnaire, for evaluate life satisfaction was used the Students' Life Satisfaction Scale. To access satisfaction with the institution, was developed a questionnaire, Satisfaction with the Institution Scale.

In a general way, the results indicate that life satisfaction is positively related to autonomy, in its general form, with functional autonomy dimension and satisfaction with the institution. Functional autonomy is also positively related to satisfaction with the institution. The boys manifest, themselves, more satisfied with life and the institution as well as feel more autonomous than girls. The older youngsters appear to be more autonomous than younger ones. Analyzing the type of care, is in the apartment care that appear to be greater autonomy, satisfaction with life and with the institution.

We point out that institutionalized youngsters have low life satisfaction, low levels whether they be younger or older youngsters. We also observed that life satisfaction of these youngsters is positively influenced by the perception of competence given the choice of a strategy and its implementation to achieve a goal. Finally, we can observe that youngsters in apartment care are less dissatisfied with life and the institution as well as express a greater sense of autonomy to those living in residential care.

Key-Words: Emotional Autonomy, Atitudinal Autonomy, Functional Autonomy, Life Satisfaction, Foster Care

Índice Geral

1. Introdução	1
1.1. Acolhimento Institucional.....	1
1.2. Autonomia.....	6
1.3. Satisfação com a Vida.....	11
1.4. Autonomia e Satisfação com a Vida	17
1.5. Questões de estudo.....	18
2. Metodologia	19
2.1. Participantes.....	19
2.2. Instrumentos.....	22
2.2.1. Escala de Satisfação com a Instituição	22
2.2.2. Questionário de Autonomia nos Adolescentes	23
2.2.3. Escala de Satisfação com a Vida	24
2.3. Procedimentos.....	25
3. Resultados	26
3.1. Estudo dos Instrumentos	26
3.1.1. Escala de Satisfação com a Instituição	26
3.1.1.1. Sensibilidade dos itens.....	26
3.1.1.2. Análise Factorial	27
3.1.1.3. Fidelidade.....	29
3.1.1.4. Medidas descritivas.....	29
3.1.2. Questionário de Autonomia nos Adolescentes	30
3.1.2.1. Sensibilidade dos itens.....	30
3.1.2.2. Análise Factorial	32
3.1.2.3. Fidelidade.....	35

3.1.2.4. Medidas descritivas.....	35
3.1.3. Escala de Satisfação com a Vida	36
3.1.3.1. Sensibilidade dos itens.....	36
3.1.3.2. Análise Factorial	37
3.1.3.3. Fidelidade.....	38
3.1.3.4. Medidas descritivas.....	38
3.2. Relações entre as variáveis	39
3.2.1. Análises Correlacionais	39
3.2.1.1. Satisfação com a Vida vs. Satisfação com a Instituição	40
3.2.1.2. Autonomia vs. Satisfação com Instituição	40
3.2.1.3. Autonomia vs. Satisfação com a Vida	41
3.2.2. Análises Comparativas.....	41
3.2.2.1. Sexo.....	41
3.2.2.2. Idade.....	42
3.2.2.3. Resposta Social	43
3.2.2.4. Resposta Social em idades superiores a 16 anos	44
3.2.2.5. Sexo em idades superiores a 16 anos.....	45
4. Discussão	46
4.1.Limitações.....	55
4.2.Recomendações para estudos futuros	55
5. Bibliografia	57
Apêndice A1 – Escala de Satisfação com a Instituição	
Apêndice A2 – Carta de apresentação do estudo.....	
Anexo 1 – Questionário de Autonomia nos Adolescentes.....	
Anexo 2 – Escala de Satisfação com a Vida.....	

Índice de Figuras

Figura 1. Distribuição dos participantes, por sexos (%).....	20
Figura 2. Distribuição dos participantes, por respostas sociais (%).....	20
Figura 3. Distribuição dos participantes, por idades (%).....	21
Figura 4. Distribuição dos participantes, por localidades (%).....	21
Figura 5. Motivos de institucionalização, percebidos pelos participantes (%).....	22
Figura 6. Análise Factorial Confirmatória do QAA	32
Figura 7. Gráfico ilustrativo dos valores próprios de cada componente do QAA (Scree Plot)	35

Índice de Quadros

Quadro 1 - Sensibilidade dos itens da ESI (N=181)	27
Quadro 2 - Variância Total Explicada da ESI	28
Quadro 3 - Saturação dos itens da ESI	28
Quadro 4 - Frequências das questões sobre Autonomia e Regras	29
Quadro 5 - Medidas descritivas da ESI	30
Quadro 6 - Frequência das respostas “Não há”, em AA, da ESI	30
Quadro 7 - Sensibilidade dos itens do QAA (N=181)	31
Quadro 8 - Variância Total Explicada do QAA	33
Quadro 9 - Variância Total Explicada do QAA, forçada a 3 componentes	34
Quadro 10 - Saturação dos itens do QAA	34
Quadro 11 - Medidas descritivas do QAA	36
Quadro 12 - Sensibilidade dos itens da ESCV	37
Quadro 13 - Variância Total Explicada da ESCV	37
Quadro 14 - Saturação dos itens da ESCV	38
Quadro 15 - Medidas descritivas da Escala Total ESCV	38
Quadro 16 - Coeficientes de correlação entre as variáveis	40

Quadro 17 - Teste t student para a variável Sexo	41
Quadro 18 - Teste t student para a variável Idade	42
Quadro 19 - Teste t student para a variável Resposta Social	43
Quadro 20 - Teste Mann-Whitney para a variável Resposta Social	43
Quadro 21 - Teste t-student para a variável Resposta Social em idades superiores a 16 anos	44
Quadro 22 - Teste Mann-Whitney para a variável Resposta Social em idades superiores a 16 anos	44
Quadro 23 - Teste t-student para a variável Sexo em idades superiores a 16 anos	45
Quadro 24 - Teste Mann-Whitney para a variável Sexo em idades superiores a 16 anos	46

Lista de Abreviaturas

- AA** – Apartamento de Autonomização
- DOM** - Plano Desafios, Oportunidades e Mudanças
- ESCV** – Escala de Satisfação com a Vida
- ESI** – Escala de Satisfação com a Instituição
- LIJ** – Lar de Infância e Juventude
- QAA** – Questionário de Autonomia nos Adolescentes

1. Introdução

Esta dissertação insere-se no âmbito do Mestrado de Psicologia Clínica, ministrado pelo Instituto Superior Miguel Torga, em parceria com o Instituto Politécnico de Leiria.

É uma investigação que visa analisar a realidade dos jovens acolhidos pelo sistema de protecção social de Portugal, no que concerne à autonomia e satisfação de vida. Os objectivos desta análise centram-se em perceber diferenças existentes a nível de géneros, idades e respostas sociais, assim como a nível da satisfação destes jovens para com a sua instituição acolhedora.

Para a concretização deste estudo foi pedida a colaboração de instituições da área continental, concretamente dos jovens acolhidos em Lar de Infância e Juventude [LIJ] e Apartamento de Autonomização [AA].

Os pontos seguintes, desta introdução, respeitam ao enquadramento teórico das variáveis estudadas, assim como as questões colocadas para esta investigação. Segue-se um capítulo centrado na metodologia do estudo, onde se caracterizam os participantes, os instrumentos aplicados e os procedimentos realizados. Os resultados são descritos no terceiro capítulo contemplando o estudo dos instrumentos, as análises correlacionais e comparativas. Finalmente são discutidos os resultados encontrados, fazendo uma ressalva para as limitações encontradas e sugestões para investigações futuras.

Para a concretização desta dissertação, o documento Regras de Escrita de Trabalhos de Investigação Científica e Dissertações de Mestrado (Espírito Santo & Cunha, 2009) do ISMT foi tido como delineador da sua estrutura, tendo as citações e referências bibliográficas seguido os padrões propostos pela American Psychological Association (APA, 2010). O sistema ortográfico utilizado teve como base o Acordo Ortográfico de 1990 (R.A. 26/91).

1.1. Acolhimento Institucional

O acolhimento institucional faz parte de um conjunto de medidas de promoção e protecção, legislados pela Lei de Promoção e Protecção de Crianças e Jovens em Perigo (1999). Estas medidas, de execução em meio natural ou em regime de colocação, podem ser aplicadas pelos Tribunais ou pelas Comissões de Protecção de Crianças e Jovens em Risco através de um Processo de Promoção e Protecção. Compreendem esse conjunto de medidas: 4

medidas em meio natural de vida; e 3 medidas em regime de colocação. As medidas de execução em meio natural de vida respeitam ao apoio junto dos pais, apoio junto de outro familiar, confiança a pessoa idónea e apoio para autonomia de vida. As medidas em regime de colocação decompõem-se em acolhimento familiar, acolhimento em instituição e confiança a instituição com vista a futura adopção (Lei nº 147/99, artº.38).

Atendendo a Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo (1999):

A medida de acolhimento em instituição consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral. (Lei nº 147/99, artº.49)

Este acolhimento pode ser de curta duração, quando não superior a 6 meses, tendo lugar em Centro de Acolhimento Temporário, ou de carácter prolongado a ter lugar em Lar de Infância e Juventude, podendo estes lares ser especializados ou deter valências especializadas. Os Lares de Infância e Juventude devem igualmente ser organizados de acordo com modelos educativos adequados aos utentes que acolhem (Lei 147/99, art.º50, art.º51).

Apartamento de Autonomização é uma resposta social desenvolvida em equipamento, que se constitui num apartamento inserido na comunidade local, destinado a apoiar a transição para a vida adulta de jovens que possuem competências pessoais específicas, através da dinamização de serviços que articulem e potenciem recursos existentes nos espaços territoriais (Decreto-Lei Nº64/2007; Despacho, 2006.01.19; Teso, 2006).

Portugal é um dos países europeus que apresenta maior taxa de institucionalização (Amado, Limão, Ribeiro & Pacheco, 2003). De acordo com o Plano de Intervenção Imediata de 2009, do Instituto da Segurança Social (2010), existem 9563 crianças institucionalizadas em Portugal, sendo 50,5% do género feminino e 49,5% do masculino. As idades variam entre os 0 e os 21 anos, contudo 61% têm mais de 12 anos.

No que se refere ao tipo de acolhimento, 67% das crianças encontram-se em LIJ, correspondendo a um total de 6395 utentes. Em Apartamento de Autonomização encontram-se 44 jovens, 24 rapazes e 20 raparigas. Os LIJ têm vindo a integrar no Plano Desafios, Oportunidades e Mudanças [DOM], estando actualmente abrangidos 111 lares, correspondendo a 2941 crianças e jovens (ISS, 2010).

A institucionalização tem vindo a ser estudada por alguns autores, especificamente nos temas da vinculação, da precocidade e duração da medida, das perspectivas futuras destas crianças e adolescentes e da solidão (Cavalcante, Magalhães & Pontes, 2007; Velarde & Martínez U., 2008; Zegers, Schuengel, Ijzendoorn & Janssens, 2006).

De acordo com as teorias sistémicas, “os aspectos do meio ambiente mais importantes no curso do crescimento psicológico são, de forma esmagadora, aqueles que têm significado para a pessoa numa dada situação” (Brofenbrenner, 1996, p. 9). O mesmo autor menciona também que é no espaço de instituição que se irão buscar os encorajamentos materiais, emocionais e sociais, que irão promover a confiança para o estabelecimento das relações significativas em vários espaços ecológicos (Brofenbrenner, 1996). Consequentemente, o ambiente institucional e as relações que aí se estabelecem influenciam o desenvolvimento cognitivo, social e afectivo das crianças e adolescentes, assim como a construção da sua identidade e das suas trajectórias futuras (Santana, 2003).

Para a criança ou adolescente institucionalizado, a instituição é, na maioria das vezes o ambiente imediato que maior impacto tem na sua vida, logo, é necessário ter em atenção, que estas crianças precisam de muito mais do que um tecto e comida para viverem (Yunes, Miranda & Cuello, 2004).

Atendendo a essas necessidades é indispensável realizar um acolhimento em instituição de qualidade. Com vista ao primado do superior interesse do acolhido, Del Valle & Fuertes Zurita (2000) desenvolveram uma teoria onde identificam e exploram os princípios fundamentais para a promoção desse acolhimento. São eles a individualidade, o respeito pelos direitos das crianças e das suas famílias, a adequada cobertura das necessidades básicas da criança, a escolarização e alternativas educativas, os cuidados de saúde, a integração social, a preparação para a autonomia, o apoio às famílias, a segurança, o projecto de vida e o respeito pelo direito da criança à participação.

Gomes (2010) salienta que o desafio que se coloca a todos, numa base diária, é educar as crianças e jovens, estejam eles em família, acolhimento familiar ou institucional. Para isso devem promover-se condições para que estas crianças e jovens:

(...) possam adquirir as atitudes necessárias para participarem na produção social (os saberes), interiorizarem os valores que cimentam e pautam a sua actuação futura (moral; e para que possam adquirir normas e ritos que promovam as relações interpessoais positivas e mantenham a sua identidade, quer como indivíduos, quer como participantes na sociedade. Assim em qualquer projecto educativo é importante transmitir e fazer reter princípios como: o respeito, os valores, a

responsabilidade, o ser capaz, a individualidade, o saber partilhar, a amizade, a autonomia. (...) Os adultos devem estabelecer, de forma clara, firme e carinhosa, limites razoáveis que ajudem a criança a construir uma imagem do mundo e de si própria. Desta forma, as crianças e jovens aprendem a autonomia, o autocontrolo e a responsabilização. (pp. 356-357)

Na instituição o papel das figuras cuidadoras é fundamental na medida em que é o seu investimento afectivo que potencia a segurança emocional, que por sua vez permite o desenvolvimento da capacidade adaptativa do jovem, e consequentemente a resiliência face ao risco. A possibilidade do jovem estabelecer relações seguras, dentro e fora da instituição permite a organização emocional e afectiva impedindo que este permaneça em constantes estados de vulnerabilidade (Mota & Matos, 2008; Yunes et al., 2004).

A relação com os funcionários das instituições tem vindo a representar um importante papel na vida dos utentes das instituições, na medida em que cada vez mais estas relações se aproximam dos sistemas familiares, embora não os substituam. Desta forma, os funcionários assumem os modelos identificativos das crianças e adolescentes e assumem os papéis de orientar, acarinhar e proteger (Mota & Matos, 2008).

Estes papéis vão assumir duas dimensões: a de estruturação e a de suporte. Estruturação na medida em que promove a autonomia, estimulando a exploração independente, ao mesmo tempo que exerce um controle. E de suporte, englobando a aceitação e/ou a rejeição. Aceitação, tratando as crianças e adolescentes de forma carinhosa e formando laços emocionais. Rejeição, ao serem emocionalmente negligentes e demitidos. Tal como nas relações pais-adolescentes, as relações funcionários-adolescentes promovem directamente a autonomia. Para os adolescentes se tornarem indivíduos independentes é necessário que haja uma renegociação de papéis. Assim, é encorajada uma mudança da relação hierárquica para uma mais igualitária. Esta mudança pode ser alcançada dando maior ênfase à autonomia e à vinculação (Noom, Winter & Korf, 2008).

Whitbeck, Hoyt & Ackley (1997) destacam que os adolescentes institucionalizados têm, na maioria das vezes, más experiências relativamente ao desenvolvimento de relações significantes com pais, pares, professores, etc. Esta predisposição destes adolescentes torna premente a necessidade de promover condições para a vinculação em instituição. Esta vinculação pode ser inicialmente desenvolvida através da promoção da segurança, uma vez que facilita a predisposição de ligação com os outros (Noom et al., 2008).

A trajectória desenvolvimental das crianças e adolescentes é influenciada não só pelos factores contextuais da sua família de origem, mas também pela exposição a um padrão de

cuidados pouco estáveis e impessoais promovidos pelo ambiente institucional (Cavalcante et al., 2007).

Vários estudos apontam para o facto de a vinculação ser mais insegura em adolescentes institucionalizados (Schleiffer & Müller, 2004; Zegers et al., 2006). Porém, Zegers e colaboradores (2006) perceberam que quanto mais coerente for a representação da vinculação do adolescente, mais forte é a ligação com o mentor¹ (na instituição) conduzindo a uma diminuição da hostilidade. Assim como a própria representação da vinculação por parte do mentor influencia a sua percepção deste em relação à hostilidade do adolescente. Quanto mais coerente for a sua representação menor hostilidade identifica no adolescente. A vinculação surge assim como tarefa fulcral para o desenvolvimento psicológico destas crianças, uma vez que surge correlacionado com o aumento da confiança dos menores.

Os mesmos autores indicam também que se um individuo fala, de livre vontade, das suas experiências de vinculação, de uma forma coerente, equilibrada e realista, sendo essas experiências positivas ou negativas, é considerado que desenvolveu uma representação de vinculação autónoma. Em acréscimo a isso, essas pessoas tendem a valorizar essas experiências de vinculação e integram a sua importância no seu desenvolvimento pessoal. Ao contrário, a baixa coerência acompanhada pela desvalorização ou não recordação das experiências de vinculação, são habituais em indivíduos com dificuldades de vinculação (Zegers et al., 2006).

Um estudo realizado em adolescentes institucionalizados na Coreia revela que estes adolescentes apresentam níveis superiores de solidão, comparativamente a adolescentes que vivem em seio familiar. Os adolescentes mais sós atribuem essa solidão a um estilo atribucional negativo que por sua vez reforça a sua vulnerabilidade emocional. Por estes autores foi encontrado também um preditor que revela que o adolescente institucionalizado ao atribuir o seu insucesso a uma razão global, tende a perceber um maior grau de solidão (Han & Choi, 2006).

Um estudo espanhol, envolvendo 181 adolescentes precedentes do sistema de protecção evidencia que são os adolescentes adoptados os que manifestam maiores problemas

¹ Em OG Heldring, instituição onde decorreram as investigações de Zegers e colaboradores (2006), o mentor corresponde ao educador destacado para acompanhar o adolescente. O mentor e o adolescente reúnem-se para uma conversa privada a cada duas semanas e é o mentor que media a comunicação entre o adolescente e a restante equipa de cuidadores (Zegers, 2007).

de comportamento em comparação com os que são acolhidos pela família alargada ou em instituição (Fernandez-Molina, Del Valle, Fuentes, Bernedo & Bravo, 2011).

No que concerne às tarefas directamente relacionadas com a autonomia, os adolescentes institucionalizados revelam mais objectivos ou metas, relativos ao desenvolvimento de aptidões assim como uma maior necessidade de estabelecer contactos interpessoais, comparativamente aos seus pares a viver no seio familiar. Contudo, apresentam medos relacionados com os danos que podem causar ao estabelecer esses contactos (Velarde & Martínez U., 2008).

Veiga & Ynoub (2002) refere que os objectivos que envolvem a constituição de família são influenciados pelo receio de repetir as histórias familiares, e a pouca esperança de ter recursos para oferecer aos filhos educação e afecto. Verificou também que estes adolescentes manifestam maiores dificuldades em imaginar-se a realizar ocupações laborais que impliquem compromissos a longo prazo.

Dos institucionalizados, são as raparigas que fazem maior referência à instituição, principalmente de forma negativa. Este resultado remete para a tendência do género feminino dar maior ênfase aos vínculos e à família, explicada pelo facto de se verem privadas dessa relação quando em situação de acolhimento (Velarde & Martinez U., 2008).

1.2. Autonomia

A definição de autonomia surge frequentemente, associada à Adolescência. Tal acontece uma vez que a autonomia é definida como uma tarefa desenvolvimental que deve ter início, e eventualmente ser atingida durante este período específico (Eccles et al. 1991; Spear & Kulbok, 2004).

Na sociedade actual, a adolescência deixa de ser uma etapa transitória curta, para passar a ser uma fase longa do ciclo de vida. Ao prolongar-se a permanência no seio familiar, a transição para a adultícia torna-se, não só, a dita etapa longa, mas palco de alta densidade sentimental e conflitualidade psicológica específica, sucedendo modificações dramáticas requeridas para a adopção dos papéis dos adultos (Flemming, 1993; Pavlidis & McCauley, 2001). Uma das modificações refere-se, então, à aquisição da autonomia, considerada um aspecto de grande importância no desenvolvimento dos adolescentes e um mediador da referida transição da adolescência para a adultícia (Flemming, 2005b; Noom, Dekovic & Meeus, 2001). A autonomia é um constructo universal que varia de acordo com o seu significado e aplicação, podendo variar consoante o contexto e a situação. Contudo, de uma

forma geral, a autonomia é vista como um estado de independência e capacidade de se auto-governar, mantendo um equilíbrio positivo nas relações familiares e com a autoridade (Eccles et al., 1991; Spear & Kulbok, 2004).

A autonomia na adolescência tem vindo a ser estudada por diversos investigadores (Flemming, 2005a; Silverberg & Steinberg, 1987). É com Silverberg & Steinberg (1987) que surge uma das primeiras definições de autonomia. Estes autores consideram que é a aptidão para pensar, sentir, tomar decisões e agir por si mesmo. Spear & Kulbok (2004) referem que a autonomia na adolescência é um processo contínuo e activo que envolve a manutenção do equilíbrio entre o desejo de independência, e sua consequente aquisição, e a ligação com a família e a sociedade.

O aumento da independência é um componente crucial da autonomia, no entanto, ser autónomo significa mais do que ser independente (Flemming, 2005a; Silverberg & Steinberg, 1987). Se outrora a autonomia era vista como a separação e a desvinculação da família, hoje, é vista de outra forma. É encarada como uma interdependência, onde se chega à independência mantendo parte da vinculação (Spear & Kulbok, 2004). Desenvolve-se através das relações com familiares, pares e pessoas exteriores à família. Apesar de ser considerado parte integrante do processo de desenvolvimento psicológico, a autonomia do adolescente gera normalmente conflito familiar uma vez que obriga a uma transformação nas relações familiares (Silverberg & Steinberg, 1987). Analisando o Ciclo Vital da Família, proposto pelas Teorias Sistémicas, podemos encontrar no Estádio famílias com filhos adolescentes um paralelismo com a aquisição da autonomia do adolescente. A transformação nas relações acontece porque a família sente necessidade de alargar os espaços e papéis individuais, sem prejudicar o espaço e a organização grupal. A família redefine-se, porém mantém a sua coesão (Relvas, 2000). A perspectiva Sistémica enfatiza os conflitos naturais em cada estágio, sendo os predominantes no estágio citado:

“(...) controlo vs liberdade; responsabilidade parental vs responsabilidade partilhada; valores sociais vs valores académicos; mobilidade vs estabilidade; (...)” (Relvas, 2000, p.169).

A literatura destaca que o desenvolvimento da autonomia é um processo complexo que depende de várias variáveis. Podem ser identificadas variáveis internas, como a auto-estima, percepção do ambiente, relações com a autoridade, desejo de independência, vontade de fazer escolhas e locus de controle. As variáveis externas prendem-se com a estrutura familiar, comunicação familiar, presença ou ausência de controlo ou autoridade, ambiente psicossocial e emocional no contexto familiar ou institucional (Silverberg & Steinberg, 1987; Spear & Kubolk, 2004).

A aquisição da autonomia acaba por gerar efeitos na satisfação com a vida, liberdade, aumento da produtividade, auto-conceito positivo e tomada de decisão competente (Dickey & Deatrick, 2000; Jagodzinski, 2011; Spear & Kulbok, 2004).

A natureza multidimensional da autonomia do adolescente conduziu à definição de três tipos de autonomia: emocional, comportamental e de valores (Silverberg & Steinberg, 1987).

A autonomia emocional refere-se aos sentimentos pessoais, emoções e à mudança de dependência dos pais, para a busca de suporte emocional nos outros. Autonomia de valores reporta às atitudes e decisões independentes no que se refere à política, religião, opções académicas e morais. Por autonomia comportamental, entende-se a aptidão de tomar decisões por si próprio e a concretização das mesmas (Flemming, 2005a; Silverberg & Steinberg, 1987).

Noom, Dekovic e Meeus (1999) elaboraram uma reformulação conceptual da autonomia da adolescência, integrando as várias perspectivas expostas ao longo dos anos, assim como construíram um instrumento de avaliação da autonomia o “Adolescent Autonomy Questionnaire”, de acordo com a sua reformulação. Nesta perspectiva podem ser encontradas similaridades e diferenças com as teorias anteriores, porém, todos estes conceitos têm em comum o facto de se referirem à percepção que os adolescentes têm sobre o que fazer com as suas vidas (Noom et al. 2001).

Sendo assim, Noom (1999) propõe uma dimensão cognitiva, uma afectiva e uma comportamental, denominando-as como autonomia atitudinal, autonomia emocional e autonomia funcional. À habilidade de especificar várias opções, de tomar decisões e definir objectivos, denominou-se de autonomia atitudinal. Esta dimensão reportará à percepção do adolescente sobre o que fazer com a sua vida. Mais do que uma competência cognitiva, refere-se ao processo cognitivo de avaliar possibilidades e desejos, desenvolver e definir valores e objectivos pessoais. A dimensão emocional reporta à percepção de independência emocional dos pais e pares, existindo o sentimento de confiança nas suas próprias escolhas e objectivos. Os adolescentes têm de manter um sentimento de confiança nos seus próprios objectivos, ao mesmo tempo que demonstram consideração pelos objectivos dos outros. Por fim, a autonomia funcional define-se como as diferentes formas de atingir um objectivo. Incorpora processos reguladores como a percepção de competência e de controlo resumindo-se à percepção de dispor de diferentes estratégias para alcançar um objectivo, e por fim sentir que é competente para desenvolver uma estratégia e alcançar um objectivo (Graça, Calheiros & Martins, 2010; Noom et al., 2001; Reichert & Wagner, 2007).

Da investigação realizada sobre esta temática salientam-se alguns resultados.

Manuela Flemming (2005a, b) verificou nos seus estudos que a autonomia tem de ser conquistada pelo adolescente. O desejo de autonomia é, provavelmente, o evento psicológico que enceta o adolescente no processo de individuação-separação que o transita da fase inicial para a fase final da adolescência. A passagem do desejo de ser independente para a capacidade de ser autónomo é, na maioria dos casos, obtida através de desafios à autoridade dos pais, e este conflito leva a transformações na maturação intrapsíquica e importantes modificações nas relações entre os pais e os adolescentes. As investigações da mesma autora apontam para a existência de um padrão desenvolvimental, que se inicia numa dimensão mais narcisista, avançando para uma dimensão mais relacional, confluindo na capacidade de tomada de decisão e sentimentos de auto-confiança. Flemming (2005b) verificou também que existem algumas diferenças quando se tem em consideração o género. Apesar de não existirem diferenças no que se refere ao desejo de autonomia, verifica-se que aos 16-17 anos os rapazes manifestam um maior nível de autonomia em relação às raparigas, associado à desobediência aos pais. A autora sugere que estes resultados estão relacionados com o facto das raparigas mostrarem maior conformidade com as regras impostas pelos pais a fim de manterem as relações de proximidade.

Graça e colaboradores (2010) no seu estudo de validação da escala Questionário de Autonomia nos Adolescentes [QAA] verificaram que os jovens mais velhos, entre os 15 e 18 anos, apresentam níveis superiores em todas as dimensões da autonomia, relativamente aos jovens mais novos, entre os 12 e 14 anos. Estes resultados são congruentes com os de Noom, aquando a formulação da escala. Este refere que a autonomia atitudinal e emocional tendem a aumentar com a idade, parecendo haver um progresso na definição de metas independentes dos desejos e expectativas dos outros. Não foram verificadas diferenças no que concerne à autonomia funcional (Noom et al., 2001).

No que respeita á variável sexo, ambos os investigadores não encontraram diferenças significativas (Graça, et al. 2010; Noom et al. 2001).

Steinberg & Silverberg (1986) verificaram que as raparigas manifestam resultados mais elevados, comparativamente com os rapazes, nas três dimensões de autonomia emocional: relação com os pares, resistência à pressão dos pares e noção subjectiva de auto-confiança.

Contrariamente a estes resultados surgem investigações que demonstram que a autonomia emocional se mantém estável com a idade uma vez que está relacionada com relações conflituais e de desapego com os pais, sendo os valores elevados nesta dimensão,

indicadores de desajuste psicológico (Oliva & Parra, 2001; Parra & Oliva, 2009; Ryan & Lynch, 1989).

Oliva & Parra (2001, 2009) encontraram resultados que apontam para a estabilidade da autonomia emocional na adolescência, verificando que apenas os rapazes manifestam um leve aumento dos 13 para os 15 anos. Esta estabilidade acabou por ser confirmada pelos mesmos autores através de um estudo longitudinal.

Spear e Kulbok (2004) estabeleceram uma relação entre a autonomia na adolescência e os comportamentos de saúde dos adolescentes. Basearam-se nas premissas de que se o desenvolvimento da autonomia influencia as suas relações interpessoais e a sua tomada de decisão, também influenciará as suas práticas de saúde. Essa relação foi estabelecida, no entanto aconselham uma maior investigação do tema.

Adolescentes de baixo-risco² parecem negociar e alcançar a sua autonomia através de interações específicas com os seus progenitores, como o desafio da sua autoridade, argumentação e exposição das suas razões e pontos de vista. Em adolescentes de alto-risco, este tipo de interacção é menos aceite, acabando por confluir numa autonomia alcançada fora da relação pais-adolescente (McElhaney & Allen, 2001). Ainda no que se refere aos estilos parentais, foi verificado que o estilo materno autoritário tende a inibir o desenvolvimento da autonomia funcional (Reichert & Wagner, 2007).

Relacionando a autonomia e a vinculação Noom e colaboradores (1999, 2001) concluíram que estes dois constructos não são opostos entre si, mas sim medidas relativamente independentes necessárias ao equilíbrio psicossocial. No entanto a sua combinação não é, necessariamente, a mesma para todos os índices de ajustamento psicossocial. Adolescentes com elevada autonomia funcional são, provavelmente, socialmente competentes, indicando que eles conhecem as estratégias a utilizar para alcançar as suas metas e que têm confiança nas relações com os pares. A competência académica parece estar relacionada com elevada autonomia atitudinal, referindo-se a um processo cognitivo de escolha de metas combinado com o suporte materno.

² Para a caracterização do risco dos adolescentes, os autores consideraram qualquer um dos quatro factores de risco académico: reprovado a uma disciplina num único período; qualquer retenção escolar; dez ou mais faltas num período; suspensões no ano corrente. Após esta primeira selecção, consideraram-se de alto risco os adolescentes que vivem e frequentam escola no centro da cidade e as suas famílias vivem abaixo da linha de pobreza federal. Baixo risco, seriam os adolescentes a viver e frequentar escola em ambientes mais rurais e que a economia familiar se situa acima da linha de pobreza federal (McElhaney & Allen, 2001).

Este autor refere ainda que a autonomia e a vinculação são dois importantes objectivos desenvolvimentais que podem ser influenciados por todos os educadores, uma vez que estes têm a capacidade de estimular as dimensões afectiva e funcional da autonomia. No caso dos adolescentes institucionalizados, os técnicos referem que a estimulação para a autonomia e a criação de um ambiente de aceitação são dificuldades patentes no seu trabalho. Estes técnicos sentem que ao não conseguirem promover um ambiente securizante estão a impedir uma transição saudável para a adultícia (Noom, et al., 1999; Noom et al., 2008).

Del Valle & Fuertes Zurita (2000) desenvolveram uma teoria onde identificam 11 princípios básicos para a promoção de um acolhimento institucional de qualidade. Um desses princípios refere-se à preparação da autonomia, visando a potenciação da capacidade de tomada de decisão, resolução de problemas, auto-orientação e responsabilização social. O objectivo deste princípio é dar a conhecer, aos acolhidos, experiências diversas e programas de intervenção específicos, passando depois por momentos de avaliação dos resultados.

Essas actividades passam pela participação na elaboração e concretização dos seus projectos de vida, pela explicação e interiorização do seu percurso de acolhimento, pela ajuda na planificação e perspectivação do futuro e pela gestão das suas expectativas e ansiedades. Estas actividades são desenvolvidas atendendo a idade e o grau de desenvolvimento de cada criança, adolescente ou jovem, para que haja uma evolução na adopção de responsabilidades de acordo com as suas capacidades (Del Valle & Fuertes Zurita, 2000; Gomes, 2010).

1.3. Satisfação com a Vida

Satisfação com a vida surge, a par com o afecto negativo e o afecto positivo, um componente independente mas inter-relacionado do conceito bem-estar subjectivo (Andrews & Robinson, 1991; Diener, 1984; Michalos, 2003). Por sua vez este conceito considera-se uma dimensão positiva da saúde (Galinha & Pais Ribeiro, 2005). Os dois componentes de afectos referem-se à vertente emocional do constructo, como a alegria e a tristeza, enquanto que a satisfação com a vida se refere aos aspectos cognitivos de julgamento (Diener, 1984; Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999; Michalos, 2003).

O bem-estar subjectivo refere-se, então, à forma com as pessoas avaliam a sua vida incluindo variáveis como a satisfação com a vida, satisfação marital, ausência de depressão e ansiedade, humores e emoções positivas, fazendo julgamentos com base na cognição e nos afectos (Diener, 1997). Diener (1984) reforça ainda que este bem-estar se centra nos

juízos próprios, e não em critérios previamente estabelecidos pelos investigadores. O bem-estar subjectivo é definido com base em experiências internas e não em enquadramentos externos impostos (Diener, 1997).

Várias são as formas de encarar este conceito, frequentemente associado ao conceito de qualidade de vida. Por exemplo, Veenhoven (1991, 2000) refere-se ao bem-estar, qualidade de vida e felicidade como termos sinónimos, considerando que a felicidade é o grau em que cada indivíduo julga a qualidade da sua vida como favorável, ou seja, felicidade podendo ser entendida como satisfação com a vida. Já Sirgy (2002) identifica satisfação com a vida, afecto positivo, afecto negativo, bem-estar subjectivo, felicidade e percepção de qualidade de vida como aspectos subjectivos da qualidade de vida.

Satisfação com a vida pode ser então definida como a avaliação geral que um indivíduo faz da sua qualidade de vida, de acordo com critérios que o próprio define (Pavot & Diener, 1993; Shin & Johnson, 1978). É a “avaliação global, da pessoa, sobre a sua vida” (Pavot, Diener, Colvin & Sandvik 1991, p. 150). Resulta da comparação que os indivíduos fazem das circunstâncias das suas vidas com um padrão, por eles próprios percebido, considerado apropriado (Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985).

Frisch (2006) considera Satisfação com a Vida como a avaliação subjectiva da qualidade de vida de uma pessoa que inclui juízos sobre a satisfação de vida global ou sobre domínios específicos da vida. Desta forma está subjacente uma avaliação totalitária ou multidimensional, respectivamente, onde a pessoa avalia o grau em que as suas necessidades, desejos e objectivos se encontram realizados.

Tal como os afectos positivos e negativos, a satisfação com a vida pode ser dividida em satisfação com vários domínios da vida, como amor, casamento, amigos, emprego, aparência física, etc., e estes domínios divididos em facetas. Significando que a satisfação com a vida pode ser avaliada de uma forma geral, ou atendendo a níveis específicos, dependendo da definição de objectivos (Diener et al. 1997).

Se inicialmente a incidência da investigação sobre a satisfação com a vida era quase exclusiva na população de adultos (Diener et al. 1985; Pavot & Diener, 1993), a partir da década de 90 esse interesse e consequente investigação passou a incidir também nas camadas mais jovens (Huebner, 1995; Neto, 2001; Valois, Zullig, Huebner & Drane, 2009).

No seu estudo de revisão de literatura, Barros, Gropo, Petribú & Colares (2008) concluíram que os instrumentos de avaliação subjectiva de qualidade de vida, manifestam um bom potencial de verificação de níveis de satisfação com a vida e de bem-estar dos indivíduos, em vários momentos das suas vidas. No que concerne à satisfação de vida nos

adolescentes, existem alguns instrumentos de avaliação, que embora sejam relativamente recentes, manifestam qualidades psicométricas satisfatórias.

Em Portugal têm vindo a ser levados a cabo algumas investigações no âmbito da satisfação com a vida, especificamente com a população adolescente (Marques, Pais Ribeiro & Lopez, 2007; Neto, 1993, 2001; Simões, Matos & Batista-Foguet, 2008).

No estudo de Simões e colaboradores (2008) com uma população adolescente (N=6371) a frequentar os 6º, 8º e 10º anos de escolaridades, foram encontradas evidências, de que a maioria dos adolescentes portugueses em idade escolar, se percebem como saudáveis, felizes e satisfeitos com a vida. Analisando a diferença entre idades e sexos, estes resultados são mais evidentes nos rapazes, em detrimento das raparigas, e nos adolescentes mais novos, em comparação com uma faixa etária mais elevada. Os adolescentes que se percebem mais felizes revelam também ser mais saudáveis e estarem mais satisfeitos com a vida.

Congruentes com estes resultados surgem as investigações de Matos, Gonçalves & Gaspar (2005) nos quais foram encontradas evidências de que a percepção de bem-estar e satisfação com a vida é menor nas raparigas e que diminui com a idade, nomeadamente dos 11 para os 16 anos. O estatuto sócio-económico desfavorecido surge igualmente associado ao agravamento geral (Matos, Carvalhosa, Simões, Branco & Urbano, 2004).

Um estudo norueguês, com uma população de 4984 participantes, com idades compreendidas entre os 15 e os 79 anos, concluiu que não se verificam diferenças quanto ao género, no que respeita aos níveis de satisfação com a vida. Porém, no que concerne à variável idade foram visíveis algumas diferenças nomeadamente no tipo de avaliação que cada um faz da satisfação de vida. Os indivíduos mais velhos tendem a fazer uma avaliação mais global, tendo em conta aspectos de carácter interpessoal, enquanto os indivíduos mais novos, se centram em aspectos específicos da satisfação de vida, baseando-se em aspectos intrapessoais (Clench-Aas, Nes, Dalgard & Aarø, 2011).

Maia e colaboradores (2007) tentaram perceber a relação entre maus-tratos na infância, psicopatologia e satisfação com a vida em estudantes universitários. Nos seus resultados verificaram que os relatos de maus-tratos são muito pouco frequentes (1%) enquanto que a existência de psicopatologia é bastante elevada (32,6%). Da sua análise destacam-se os resultados que demonstram que indivíduos com histórias de maus tratos apresentam menos satisfação com a vida e mais sintomas psicopatológicos. Este estudo revela também que os indivíduos com mais sintomas psicopatológicos, independentemente da presença de maus-tratos, relatam estar menos satisfeitos com a vida.

Neto (1993) no estudo em que analisa as qualidades psicométricas da escala de satisfação com a vida para a população portuguesa, tendo utilizado uma amostra de adolescentes, verifica nos participantes do género masculino uma manifestação de valores mais elevados de satisfação com a vida em comparação com o género feminino. Verifica, no entanto, que apesar das adolescentes manifestarem mais afectos negativos, são elas que experienciaram maiores alegrias. No que concerne ao estatuto sociocultural, os resultados foram congruentes com estudos americanos e britânicos, verificando-se que adolescentes provenientes de famílias de nível sociocultural médio/elevado manifestam maior satisfação com a vida do que os adolescentes provenientes de famílias de nível sociocultural mais baixo. A nível das variáveis psicológicas, a satisfação com a vida foi associada negativamente com a solidão, ansiedade social e timidez, e positivamente com o auto-conceito e a atractividade física. O auto-conceito, a solidão e a atractividade física foram os principais preditores encontrados.

O mesmo autor debruçou-se também sobre a satisfação com a vida de famílias imigrantes em Portugal. A primeira conclusão, e congruente com os estudos existentes, refere-se aos níveis de satisfação com a vida serem superiores ao valor neutro, considerado o valor mediano da escala (15). No que respeita às nacionalidades dos adolescentes avaliados, os resultados apontam para uma maior satisfação de vida da amostra portuguesa em detrimento dos adolescentes provenientes de famílias imigrantes angolanas. Contudo, essa diferença não foi verificada em relação aos adolescentes de famílias imigrantes Cabo Verdianas e Indianas (Neto, 2001).

Muitas vezes o constructo satisfação com a vida surge associado ao auto-conceito. Terry & Huebner (1995) verificaram nas suas investigações com crianças do ensino primário que estas diferenciam a satisfação com a vida geral, dos vários domínios do auto-conceito. Verificaram igualmente que nesta população o preditor mais forte para a satisfação com a vida global é o domínio relações parentais.

Ed Diener e Marissa Diener (1995), no seu estudo com estudantes universitários sobre satisfação com a vida e auto-estima, em diferentes nações, verificaram que estes dois constructos se correlacionam na maioria das nações. No entanto, quando analisam características específicas dos países, como é o caso de uma sociedade individualista versus uma sociedade colectivista, essa correlação é menor na colectivista.

Este resultado vai ao encontro das teorias que descrevem o individuo proveniente de uma sociedade individualista como tendente a centrar-se nos seus atributos internos, enquanto que numa sociedade colectivista o que o individuo sente sobre si próprio é menos relevante,

uma vez que a sua socialização tem como base o seu papel na sociedade, a forma como encaixa na comunidade e nos seus deveres (Diener, Suh, Smith & Shao, 1995). Porém, ao contrário do que seria esperado, a correlação entre Satisfação com a Vida e Satisfação Familiar não é forte nas sociedades colectivistas (Diener & Diener, 1995).

Relativamente a diferenças na satisfação com a vida em diferentes raças, Huebner (1995) verificou que numa população de crianças no ensino primário, os resultados da Satisfação com Vida entre crianças brancas e negras não apresentam diferenças significativas.

Analisando resultados muito elevados e muito baixos de satisfação com a vida, em adolescentes, verifica-se que os adolescentes com valores muito altos de satisfação com a vida manifestam resultados superiores aos adolescentes com valores muito baixos de satisfação com a vida nas variáveis interpessoais (e.g. relações parentais, aceitação social), intrapessoais (e.g. auto-estima, felicidade, afecto positivo) e medidas escolares (e.g. sucesso académico, aspirações académicas). Manifestam igualmente menos depressão, afecto negativo e stress social, indicando que níveis elevados de satisfação com a vida são benéficos para os adolescentes (Proctor, Linley & Maltby, 2010).

Strobel, Trumasjan & Spörrle (2011) concluem que existem evidências de que a auto-eficácia é um mediador da influência do neuroticismo, extroversão, conscienciosidade e abertura nos níveis de satisfação de vida. Apesar dos traços de personalidade influenciarem directamente a satisfação com a vida, verifica-se que existe uma via de influência mediada pela auto-eficácia. Por exemplo, um indivíduo com baixo neuroticismo, mas com níveis altos de extroversão, de abertura e de conscienciosidade, está mais predisposto a estar satisfeito com a sua vida tal como evidencia tendencialmente maior auto-eficácia.

Um estudo com uma amostra de 7975 adolescentes chineses revelou que o desenvolvimento positivo da juventude está positivamente relacionado com satisfação com a vida e que ambos os constructos estão negativamente associados a problemas de comportamento. Este estudo demonstra também que para além dos domínios comumente estudados do desenvolvimento positivo da juventude: a competência social, emocional e comportamental, comportamento pró social e espiritualidade; outros domínios se manifestam correlacionados com a satisfação com a vida, sendo eles a resiliência e as crenças no futuro (Sun & Chek, 2010).

Sun & Shek (2010) referem que adolescentes com identidade positiva tendem a estar mais satisfeitos com a vida. Estes autores concluem também que se os adolescentes tiverem uma elevada satisfação com a vida, relações fortes com adultos saudáveis e com os pares,

objectivos traçados e padrões bem definidos de envolvimento pró social, manifestam uma menor tendência para encetar comportamentos problemáticos.

Ferguson, Kasser & Jahng (2011) demonstram no seu estudo que a satisfação com a vida é parcialmente mediada pela percepção do adolescente sobre o suporte na autonomia dado pelas figuras de autoridade.

O papel das relações parentais na satisfação com a vida também foi investigado por Piko & Hamvai (2010) em adolescentes húngaros. Estes autores verificaram, numa amostra de 881 adolescentes, que o bem-estar dos rapazes está associado ao suporte parental e a actividades conjuntas, enquanto que a satisfação com a vida nas raparigas se relaciona com o número de amigos próximos e a aceitação dos valores parentais. Para ambos os sexos, falar com os pais, estarem felizes com a escola e obterem bons resultados académicos são constructos relacionados com o nível de satisfação com a vida.

No seu estudo realizado na Andaluzia Ocidental, com 2400 adolescentes, Reina, Oliva & Parra (2010) verificaram que as variáveis de auto-avaliação: auto-estima, auto-eficácia e satisfação com a vida se manifestam mais constantes nos rapazes do que nas raparigas. Nos seus resultados, respeitantes às raparigas, ficou patente a tendência decrescente das variáveis avaliadas com o aumento da idade. Foram encontrados valores significantes a nível da auto-estima e da satisfação com a vida.

Estes autores também encontraram evidências de que as relações entre pais e adolescentes caracterizadas pelo afecto e comunicação resultam numa maior auto-estima, satisfação com a vida e auto-eficácia. Por sua vez, o controlo psicológico, baseado em chantagem emocional ou indução de culpa relacionam-se negativamente com a auto-estima e satisfação com a vida (Reina, Oliva & Parra, 2010).

No que se refere à institucionalização, elevados valores de satisfação com a vida podem ser indicadores de que a instituição é vista como fonte de apoio e de satisfação, porém essa satisfação tende a diminuir com a idade (Siqueria & Dell’Aglia, 2006).

Hanrahan (2005) desenvolveu um programa de promoção de satisfação com a vida, em órfãos institucionalizados mexicanos, recorrendo à Psicologia do Desporto. Na amostra trabalhada, verificou um aumento da satisfação com a vida nesses adolescentes.

1.4. Autonomia e Satisfação com a Vida

A relação entre a autonomia e a satisfação com a vida nos adolescentes tem vindo a ser alvo de investigação por parte de alguns autores. É o caso de Noom, Dekovic & Meeus (1999) que verificaram que adolescentes com elevados resultados em todas as dimensões de autonomia, e tendo boas relações com ambos os pais estão mais satisfeitos consigo próprios.

No que se refere à relação existente entre a autonomia emocional e à satisfação com a vida, Oliva & Parra (2001) realizaram um estudo na província de Sevilha, em Espanha, com 513 jovens de idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos. Nesse estudo verificaram que elevados níveis de autonomia emocional estão associados a baixos níveis de auto-estima e satisfação com a vida, reflectindo que os jovens que se encontram em relações de maior desapego com os seus pais se encontram numa posição emocional mais difícil. Para além dessa relação com os seus pais, possuem piores relações com os pares. Neste estudo é também identificado que a autonomia emocional, relativamente à esfera parental, é menos desejável para as raparigas do que para os rapazes, uma vez que estas esperam mais apoio e afecto da família do que os rapazes.

“Quando uma rapariga manifesta demasiada autonomia, é provável que ela se encontre em conflito aberto com as expectativas dos seus pais, estimulando tensões familiares e argumentações e experienciando repercussões negativas a nível da satisfação com a vida.” (Oliva, 2000, p.9)

Os mesmos autores perceberam que as raparigas mostram mais significativamente a sua insatisfação com a vida, quanto maior for a sua autonomia emocional (Oliva & Parra, 2001).

Chirkov & Ryan (2001) também centraram a sua investigação na comparação da percepção dos adolescentes quanto ao suporte para autonomia, por parte dos pais e dos professores, assim como o exercício de controlo por parte dos mesmos. Essa comparação teve como base dois tipos de culturas: uma tradicionalmente vista como autoritária e/ou controladora, a Rússia; e outra tida como democrática, os Estados Unidos da América. Neste estudo demonstraram, que os adolescentes russos percebem os seus pais e professores como mais controladores. Foi também evidente que em ambas as culturas, um maior suporte parental para a autonomia é preditor de maior bem-estar e motivação para o adolescente.

De acordo com Ruut Veenhoven (2004) que utiliza o constructo de felicidade como definição equivalente ao bem-estar, refere que a felicidade está fortemente relacionada com a

autonomia psicológica nas nações ocidentais. Tal facto é suportado por investigações onde se identificam correlações com auto-controlo, assertividade e independência.

Suldo & Huebner (2004a), identificaram algumas dimensões que contribuem para uma variância única da satisfação com a vida nos adolescentes, sendo elas os estilos parentais autoritários, o controlo e a autonomia. Verificaram igualmente que a satisfação com a vida media parcialmente as relações entre a autonomia permitida pelos pais e os problemas de comportamento.

Wang, Pomerantz & Chen (2007) consideraram, a partir dos resultados das suas investigações, que o controle psicológico e a autonomia permitida são preditivos de níveis de bem-estar emocional.

Jagodzinsky (2011) verificou que a autonomia é um forte preditor da satisfação com a vida. No seu estudo onde relaciona variáveis como a autonomia, religião, e identificação nacional no Japão, teoriza sobre o papel da autonomia nas sociedades colectivistas e sua influência na satisfação com a vida nos japoneses. Este autor considera que o baixo sentido de autonomia pode explicar o facto dos japoneses manifestarem menor satisfação com a vida.

Também Ferguson e colaboradores (2011) verificaram que os adolescentes que vivem em sociedades individualistas manifestam maior bem-estar do que aqueles que vivem em sociedade colectivistas. Estes autores hipotetizam que esse bem-estar está relacionado com o suporte para a autonomia que os adolescentes beneficiam das figuras da autoridade. Neste estudo, observaram que foram os adolescentes das culturas individualistas, Dinamarca e Estados Unidos da América, que obtiveram resultados superiores a nível da satisfação escolar, satisfação com a vida e suporte para a autonomia, em detrimento dos adolescentes sul-coreanos. Demonstraram que a satisfação com a vida é parcialmente mediada pela percepção do adolescente sobre o suporte na autonomia promovido pelas figuras de autoridade.

1.5. Questões de estudo

Como ficou patente ao longo da revisão da literatura, a questão da autonomia e da satisfação com a vida tem vindo a ser amplamente investigada. A relação entre estes dois conceitos também tem sido alvo da atenção de alguns investigadores, porém quando entramos na realidade das instituições a literatura vai-se tornando cada vez mais escassa, à medida que refinamos a nossa busca. O intuito de perceber as nuances destes dois conceitos em diferentes respostas sociais advém de experiências em lar de infância e juventude e a

consequente necessidade de trabalhar a autonomia nos jovens aí acolhidos, e a constante busca da satisfação com a vida dos mesmos.

Ao tentar adquirir conhecimentos para a realização desse trabalho, é verificável a inexistência de estudos nesta população. É perceptível que a resposta social apartamento de autonomização tem a sua fundação em alicerces teóricos muito pertinentes, mas que não existe ainda base empírica a documentar esse trabalho.

Apesar de existirem estudos que indicam uma direcção quanto ao que poderá ser esperado em adolescentes ou jovens, institucionalizados ou não, optámos por não colocar hipóteses de estudo, mas sim algumas questões de investigação:

- Quais as relações existentes entre autonomia, satisfação com a vida e satisfação com a instituição?

- Existem diferenças, no que respeita às três variáveis, relativamente ao sexo, idade e resposta social?

- Jovens a partir dos 16 anos manifestam diferenças quanto à autonomia, estando acolhidos em LIJ ou em AA? E em relação à sua satisfação com a vida ou satisfação com a Instituição?

- Os AA promovem maior autonomia dos que os LIJ?

2. Metodologia

2.1. Participantes

A população deste estudo respeita a jovens institucionalizados em lares de infância e juventude e apartamentos de autonomização. A amostra é constituída por 190 jovens, porém 7 dos participantes encontravam-se fora do intervalo de idade pretendido, e 2 dos questionários tinham respostas omissas. Consequentemente, a amostra em análise é composta por 181 participantes, 49 do sexo masculino e 132 do sexo feminino com idades compreendidas entre os 13 e os 21 anos, correspondendo a uma percentagem de 27,1% rapazes e 72,9% raparigas (Figura 1). No que concerne ao tipo de acolhimento, 155 (85,6%) são provenientes de LIJ e 26 (14,4%) de AA (Figura 2).

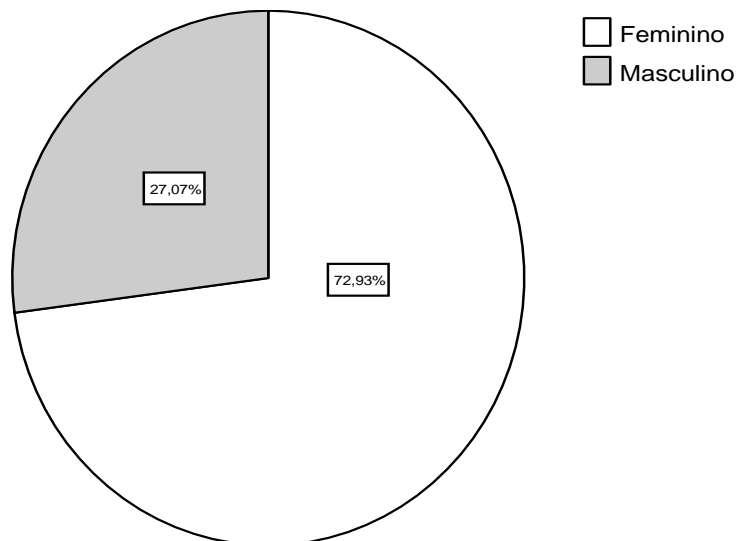


Figura 1. Distribuição dos participantes, por sexos (%).

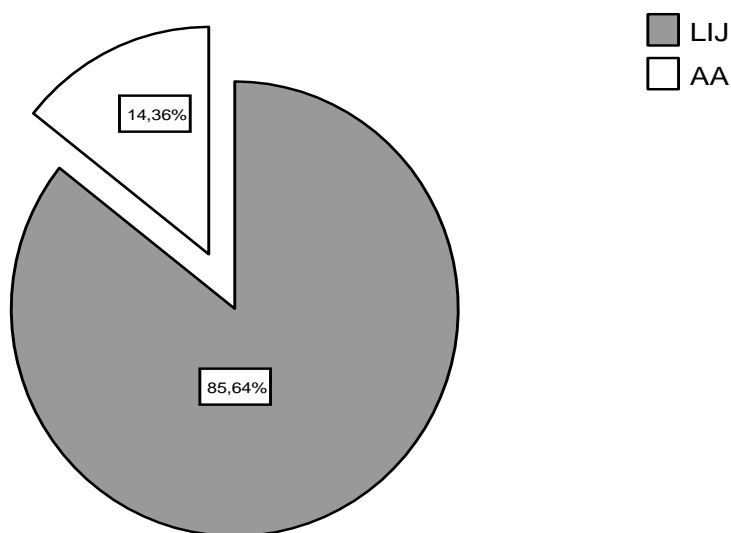


Figura 2. Distribuição dos participantes, por respostas sociais (%).

Como critérios de inclusão consideraram-se jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 13 e os 21 anos, acolhidos em lar de infância e juventude ou apartamento de autonomização há pelos menos 3 meses, que não fossem portadores de deficiência mental.

Os graus de escolaridade dos participantes situam-se entre o 3º ano de escolaridade e o ensino superior.

A média de idades da amostra de estudo é de 16.22 (16 anos e 3 meses), a mediana 16.00 e o desvio padrão de 2.18. A sua distribuição de frequências pode ser visualizada na Figura 3.

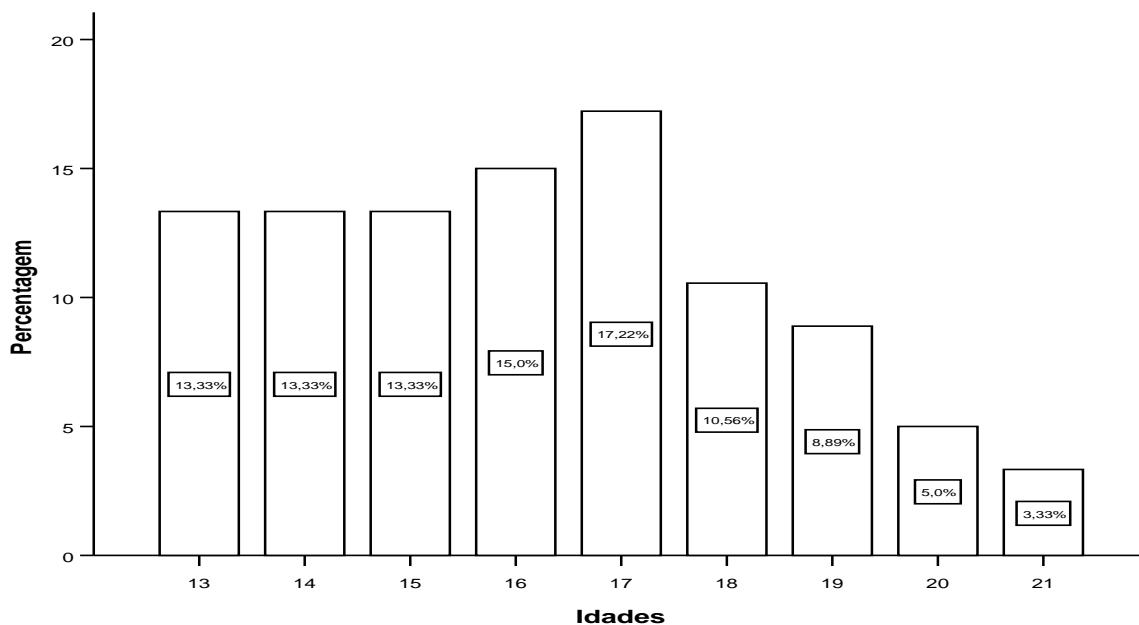


Figura 3. Distribuição dos participantes, por idades (%).

A amostra foi recolhida em 15 instituições de Portugal Continental, distribuídas pelas localidades Braga, Porto, Viseu, Caldas da Rainha, Abrantes, Lisboa, Ourém, Arouca, Fátima e Caramulo (Figura 4).

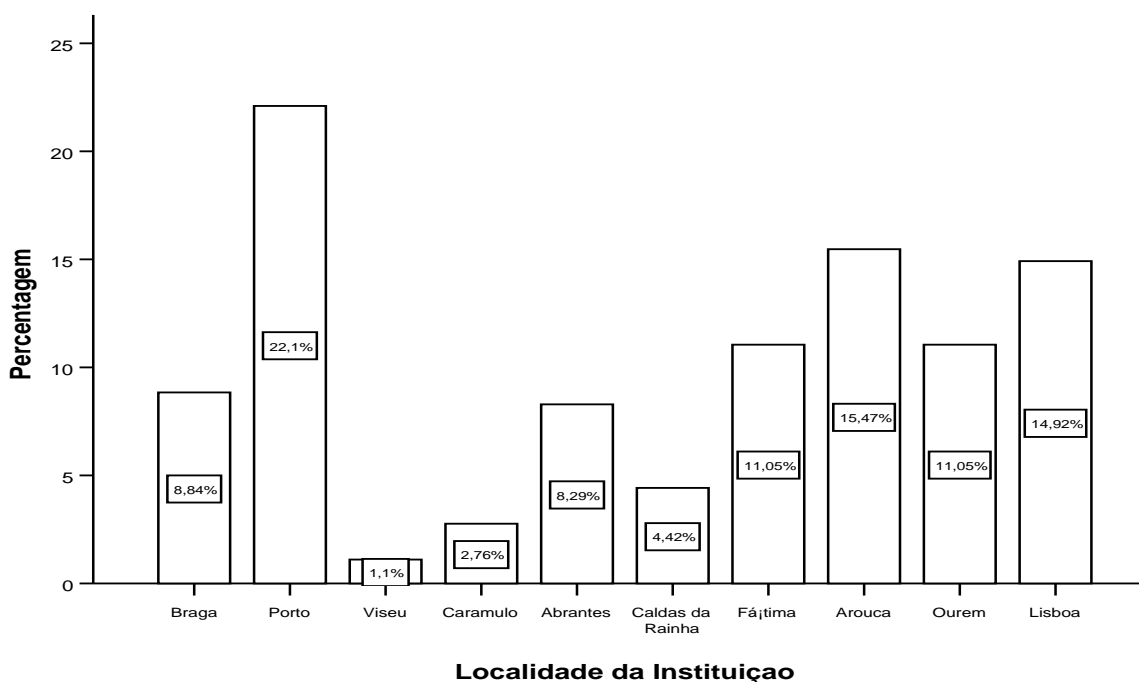


Figura 4. Distribuição dos participantes, por localidades (%).

O motivo da institucionalização identificado como mais frequente corresponde ao “Mau Comportamento”, por parte do jovem, com 14,4%, seguido da “Negligência Familiar” e da “Falta de Condições em Casa” ambos com 11% das respostas (Figura 5). Porém, a ausência de resposta, revelou ser um resultado bastante frequente, manifestando-se em 30,9% da amostra de estudo.

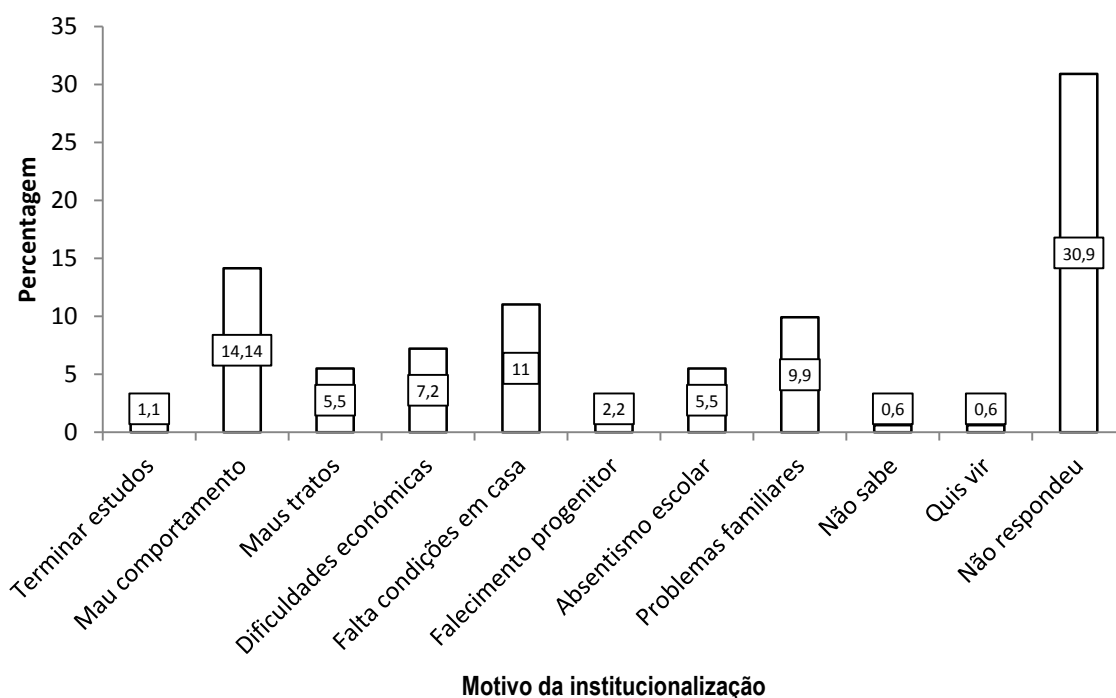


Figura 5. Motivos de institucionalização³, percebidos pelos participantes (%).

2.2. Instrumentos

Foram utilizados três instrumentos de recolha de dados: Escala de Satisfação com a Instituição [ESI] (Apêndice A1), Questionário de Autonomia para Adolescentes (Noom, 1999) e Escala de Satisfação com a Vida (Huebner, 1991a).

2.2.1. Escala de Satisfação com a Instituição

A Escala de Satisfação com a Instituição (Apêndice A1) foi construída, com o objectivo de recolher as informações biográficas relevantes para o estudo, assim como

³ Optou-se por diferenciar “Dificuldades económicas” de “Falta de condições em casa” considerando-se que “Falta de condições em casa” implica não só a capacidade financeira, mas também competências de gestão do lar e familiar.

caracterizar a satisfação dos jovens quanto às características institucionais do acolhimento. É um questionário de auto-resposta constituído por duas partes distintas. A primeira parte, constituída por 14 questões, centra-se na recolha de dados biográficos e dados alusivos ao seu acolhimento institucional.

A segunda parte deste questionário é composta por 12 itens, relacionados com a satisfação quanto às características do acolhimento institucional. Todos os itens são avaliados recorrendo a uma escala de 5 pontos “Não gosto nada”, “Gosto muito pouco”, “Gosto mais ou menos”, “Gosto muito”, “Gosto muitíssimo”. Existe igualmente a opção “Não há”, pontuada com o valor zero. Habitualmente os apartamentos de autonomização estão sob a responsabilidade de apenas um técnico/ educador social, podendo ocorrer a percepção, por parte dos jovens de não existir uma equipa técnica, assim como não existe equipa de apoio (cozinheiro, motorista, etc.). Poderão ainda existir outros itens que podem não ser aplicáveis.

Dadas as características destes itens, pensamos que poderão ser agrupados em 4 dimensões: Dimensão Física (i.e. “Instituição”, “Instalações”); Dimensão das Relações Humanas (i.e. “Adultos”, “Educadores”, “Técnicos”, “Direcção”, “Colegas da Casa”); Dimensão das Actividades (i.e. “Tarefas”, “Actividades de lazer”, “Outras actividades”); e Dimensão da Disciplina (i.e. “Regras”, “Castigos”).

Na construção deste instrumento optou-se por utilizar uma linguagem simples e clara (e.g., “Castigos”) de forma a ser explícita para a maioria dos participantes, atendendo que iria ser respondida tanto por crianças de 13 anos como por jovens de 21 anos.

2.2.2. Questionário de Autonomia nos Adolescentes

O Questionário de Autonomia nos Adolescentes, construído por Noom (1999), é um questionário de auto-resposta que visa avaliar a autonomia nos adolescentes, avaliando especificamente a autonomia atitudinal, a autonomia emocional e a autonomia funcional. É constituído por 15 itens, 5 itens por dimensão, de tipo declarativo quer na forma afirmativa (e.g. “Sou uma pessoa corajosa”), quer negativa (e.g. “Muitas vezes não sei o que pensar”). A resposta é de tipo fechado recorrendo a uma escala de likert de 5 pontos, variando entre o mínimo “Nada característico de mim” (1) e o máximo: “Muito característico de mim” (5).

A escala original (Noom, 1999) foi submetida a uma análise factorial confirmatória revelando resultados de adequabilidade ao modelo tridimensional proposto (GFI=0.93; AGFI=0.90). A consistência interna também se revelou adequada para as três dimensões (autonomia cognitiva, $\alpha=0.71$; autonomia emocional, $\alpha=0.60$; autonomia funcional, $\alpha=0.64$).

Em relação à validade, as três dimensões surgiram correlacionadas com outros constructos tidos como indicadores de autonomia.

Graça e colaboradores (2010) elaboraram uma versão do QAA (Anexo 1) para a população portuguesa. A análise factorial confirmatória revelou que a estrutura tridimensional presente no instrumento original não se adequou à amostra estudada. Consequentemente, procedeu a uma análise dos componentes principais, chegando a uma solução definitiva de 14 itens agrupados em quatro factores: auto-determinação, independência, autonomia cognitiva e autonomia emocional. Na presente investigação irá ser seguida a resolução de três dimensões proposta por Noom (1999), uma vez que a teoria tida como basilar para este estudo respeita à perspectiva integradora deste autor.

2.2.3. Escala de Satisfação com a Vida

A Escala de Satisfação com a Vida é uma escala de auto-resposta que mede a satisfação com a vida geral, em idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos. Corresponde à adaptação portuguesa da Students' Life Satisfaction Scale (Huebner, 1991a) sendo composta por 7 itens, de tipo declarativo e forma afirmativa (e.g. A minha vida está a correr bem) que devem ser caracterizados utilizando uma escala com 6 hipóteses de escolha. Esta escala inicia-se com “Discordo Totalmente”, passando por “Discordo Moderadamente”, “Discordo pouco”, “Concordo pouco”, “Concordo Moderadamente” até “Concordo Totalmente”.

A escala produz um resultado mínimo de 7 pontos e um máximo de 42, em que os valores mais elevados correspondem a níveis de satisfação de vida geral mais elevados.

Suldo & Huebner (2004b) identificam um ponto de corte de 4.0 (atendendo ao posicionamento médio na escala de resposta) onde se consideram valores entre 1 e 3.9 como de insatisfação com a vida, e valores a partir de 4 como de satisfação com a vida.

A consistência interna da escala original corresponde ao valor 0.82 no estudo realizado por Huebner (1991a) e de 0.86 no estudo subsequente (Dew & Huebner, 1994). O valor de consistência temporal foi de 0.74, baseado num intervalo de uma a duas semanas (Huebner, 1991a).

A versão portuguesa de Marques, Pais Ribeiro & Lopez em 2007, (Anexo 2) apresenta resultados similares à versão original, nomeadamente em relação à média e desvio padrão (M=29,32; DP=6.96) assim como a consistência interna com *alpha de Cronbach*=0.89. Foi realizada uma análise factorial exploratória tendo sido encontrada uma estrutura unifactorial, que explica 63.67% da variância total, resultados igualmente consistentes com a versão original.

2.3. Procedimentos

Como já foi referido anteriormente nos objectivos deste estudo, pretendeu-se reunir uma amostra de jovens institucionalizados. Dada a impossibilidade de recolha da população de jovens acolhidos em lares de infância e juventude e apartamentos de autonomização, procedeu-se a uma recolha de amostra não probabilística de tipo conveniente e independente.

A determinação do tamanho da amostra prendeu-se com dois factores principais: o limite mínimo pretendido e o tempo disponível para a recolha de dados (Carmo & Ferreira, 1998).

No que respeita ao limite mínimo da amostra⁴ consistia em 30 jovens em cada grupo: 30 rapazes em LIJ, 30 raparigas em LIJ, 30 jovens com idades inferiores a 16 anos e 30 com idades superiores a 16 anos. Atendendo ao tamanho reduzido da população de AA (44), de acordo com o Plano de Intervenção Imediata de 2009, do Instituto da Segurança Social (2010), o número mínimo consistia em 10 rapazes e 10 raparigas, sendo os únicos grupos a considerar uma vez que a idade mínima de acolhimento nesta resposta social é de 16 anos.

Não havendo um limite máximo de amostra pretendida, este dependeu do tempo disponível para a recolha de dados, instituído até Junho de 2011. A determinação desta data subordinou-se ao termo do ano lectivo, uma vez que após esse momento a recolha de dados nas instituições se veria dificultada pelas férias, que muitas vezes envolvem visitas a casa, e restantes actividades de verão. Esta data acabou por ir de encontro ao desenho experimental do estudo definido para que o prazo de entrega da dissertação, final de Outubro de 2011, pudesse ser cumprido.

No que concerne às instituições, foi realizada uma pesquisa através da plataforma Carta Social, no sítio de Internet da Segurança Social, identificando os lares de infância e juventude e os apartamentos de autonomização do território continental. Foram realizados contactos, telefónicos e via e-mail, com o objectivo de apresentar sucintamente o estudo e sensibilizar para a colaboração no mesmo. Foi elaborada uma carta modelo (Apêndice A2), de forma a formalizar o pedido de autorização e colaboração para o estudo que foi enviada às direcções das várias instituições contactadas.

Após a obtenção da autorização, articulou-se a operacionalização da aplicação dos questionários. Foi pedido o consentimento informado, sob a forma escrita, aos representantes legais de cada jovem participante no estudo.

⁴ Considerou-se um limite mínimo de 30 elementos uma vez que é o valor recomendado para um estudo correlacional. No que concerne à amostra mínima pretendida para os apartamentos de autonomização, dado o tamanho da população ser reduzido, 20% da mesma é o valor aconselhado (Carmo & Ferreira, 1998).

Foi reforçada a voluntariedade e confidencialidade das respostas assim como salientada a inexistência de respostas correctas ou incorrectas.

O estudo pretende realizar tanto análises de verificação como análises exploratórias de algumas das variáveis. Para tal, utilizou-se como meios e recolha de dados os questionários descritos no ponto anterior, que foram a base da análise quantitativa realizada. Os dados constantes nos questionários foram inseridos, de forma codificada, numa base de dados do Software SPSS 14 (2005), e posteriormente realizadas análises descritivas, de normalidade, de homogeneidade, de componentes principais, correlações e comparações de médias. Com recurso ao Software AMOS 18 (2009) foi realizada uma análise factorial confirmatória do Questionário de Autonomia em Adolescentes (Noom, 1999). Ainda referente à codificação dos dados, com a excepção dos itens considerados de avaliação inversa (e.g., 1 – “Noto que tenho dificuldades em decidir o que quero”), em que os códigos foram inseridos de forma inversa, todos os valores foram inseridos na ordem directa, como aparece nos questionários (e.g., “Nada característico de mim” – valor 1).

3. Resultados

3.1. Estudo dos Instrumentos

3.1.1. Escala de Satisfação com a Instituição

3.1.1.1. Sensibilidade dos itens

De forma a analisar a sensibilidade dos itens da Escala de Satisfação com a Instituição, foi realizada uma análise da distribuição dos itens. Os resultados dessa análise encontram-se no Quadro 1, onde se podem verificar os valores de média, desvio padrão, variação mínima e máxima, assimetria e curtose.

A média tem o seu valor mínimo no item “Castigos” ($M=1.76$) e valor máximo no item “Actividades de Lazer” ($M=4.20$). O item “Educadores” apresenta o desvio padrão mais baixo ($DP=0.74$) e os itens “Outras Actividades” e “Regras” apresentam o valor mais elevado ($DP=1.09$). Todos os itens manifestam uma variação entre o valor 1 e o 5, à excepção do item “Educadores”, que manifesta um limite mínimo de valor 2. No que concerne aos valores de curtose, variam entre 1.13 e - 0.43 e os de assimetria entre 1.21 e -1.08.

Quadro 1

Sensibilidade dos itens da ESI (N=181)

Item	Média	Desvio Padrão	Curtose	Variacão Mínima	Variacão Máxima	Assimetria
Instituição	3.39	1.03	-0.11	1	5	-0.35
Instalações	3.67	0.87	0.53	1	5	-0.38
Adultos	3.81	0.77	0.12	1	5	-0.23
Educadores	3.97	0.74	-0.04	2	5	-0.39
Doutores	3.85	0.98	0.98	1	5	-0.93
Direcção	3.46	1.05	-0.02	1	5	-0.56
Colegas de casa	3.65	1.06	-0.40	1	5	-0.39
Tarefas	3.17	1.06	-0.31	1	5	-0.19
Actividades de lazer	4.20	0.87	1.13	1	5	-1.08
Outras actividades	3.69	1.09	-0.26	1	5	-0.60
Regras	2.61	1.09	-0.43	1	5	0.16
Castigos	1.76	1.01	0.85	1	5	1.21

3.1.1.2. Análise Factorial

A análise da estrutura relacional dos itens da Escala de Satisfação com a Instituição foi efectuada através da análise factorial exploratória seguida de rotação ortogonal pelo método Varimax com extracção de componentes principais pelo critério Keiser (valor próprio superior a 1). A adequação da análise factorial feita através do KMO (0.77, média) e teste de Bartlett ($p=0.000$, significativo) indica-nos valores aceitáveis para a sua prossecução (Pestana & Gageiro, 2000). A análise factorial convergiu para uma solução com 3 componentes principais que explicam 55.46% da variância total: a primeira componente principal explica 32.40%, a segunda 13.64% e a terceira 9.41% (Quadro 2).

Quadro 2
Variância Total Explicada da ESI

Componentes	Valores Próprios Iniciais			Extracção de somas de cargas quadráticas			Rotação de somas de cargas quadráticas		
	Total	%	%	Total	%	%	Total	%	%
		Variância	Acumulada		% Variância	Acumulada		Variância	Acumulada
1	3.89	32.41	32.41	3.89	32.41	32.41	2,70	22.54	22.54
2	1.64	13.64	46.05	1.64	13.64	46.05	2.04	17.00	39.53
3	1.13	9.41	55.46	1.13	9.41	55.46	1.91	15.92	55.46
4	0.94	7.80	63.25						
5	0.92	7.70	70.94						
6	0.72	5.96	76.91						
7	0.63	5.22	82.13						
8	0.56	4.63	86.76						
9	0.53	4.38	91.13						
10	0.45	3.74	94.87						
11	0.35	2.92	97.79						
12	0.27	2.21	100.00						

Consequente a esta análise, a saturação dos itens (>0.30) em cada uma das componentes pode ser apreciada no quadro 3. A primeira componente principal integra os itens relacionados com a satisfação com as pessoas, intitulado como dimensão humana. Na segunda componente integram os itens relacionados com a disciplina. A terceira componente, com os itens relacionados com as actividades e a instituição no geral, respeitam à dimensão organizacional.

Quadro 3
Saturação dos itens da ESI

	Componentes		
	1	2	3
Educadores	0.81		
Doutores	0.78		
Adultos	0.62		0.34
Colegas da Casa	0.57		
Direcção	0.55	0.33	
Regras		0.80	
Castigos		0.74	
Tarefas		0.60	0.50
Outras actividades			0.74
Actividades de lazer			0.66
Instalações	0.31	0.32	0.48
Instituição	0.43	0.41	0.45

3.1.1.3. Fidelidade

A análise da consistência interna da Escala de Satisfação com a Instituição foi realizada recorrendo ao *alpha de Cronbach*, tendo sido obtido um resultado considerado adequado (0.79) (Salkind, 2010).

3.1.1.4. Medidas descritivas

Analisando as questões direccionadas à opinião dos participantes quanto à detenção de autonomia e à existência de regras, verificamos que 47% dos jovens referem ter autonomia “Suficiente” na sua resposta de acolhimento, e que as regras existentes são “Muitas” (42%). No quadro 4 podem ser verificadas as frequências de respostas para ambas as questões.

Quadro 4
Frequências das questões sobre Autonomia e Regras

Autonomia (%)		Regras (%)	
Resposta		Resposta	
Nada	3.3	Nenhumas	0.6
Muito Pouco	22.1	Poucas	1.7
Suficiente	47.0	Está bem assim	26.0
Muito	23.8	Muitas	42.0
Toda	3.9	Imensas	29.8

No Quadro 5 encontramos as medidas descritivas dos factores constituintes da ESI, assim como da escala total. As análises com base nas dimensões desta escala foram baseadas nas médias de cada dimensão uma vez que têm quantidades de itens diferentes.

É possível verificar que a média superior das três dimensões se verifica na dimensão humana (M=3.81) e a inferior na dimensão de disciplina (M=2.56). Quanto ao desvio padrão é a dimensão disciplina (DP=0.86) que manifesta um valor mais elevado, enquanto que as duas dimensões restantes apresentam um desvio padrão inferior (DP=0.69). A variação mínima das dimensões encontra-se também na dimensão de disciplina, com valor médio 1, e a superior na dimensão humana, com valor médio 5.40. No que se refere à curtose a dimensão organizacional manifesta o valor superior (0.76) tal como na assimetria (-0.65). Os valores inferiores aparecem na dimensão de disciplina (-0.20; 0.39).

Quadro 5
Medidas descritivas da ESI

Dimensões	Média	Desvio Padrão	Curtose	Varição Mínima	Varição Máxima	Assimetria
Dimensão Humana	3.81	0.69	0.54	1.20	5.40	-0.49
Dimensão de Disciplina	2.56	0.86	-0.20	1.00	5.00	0.39
Dimensão Organizacional	3.78	0.69	0.76	1.25	5.00	-0.65
Escala Total	41.82	6.82	1.17	14	58	-0.52

Como já foi referido, neste questionário existia a possibilidade de uma resposta “Não há”. Estas respostas verificaram-se principalmente na resposta social Apartamento de Autonomização, podendo a sua distribuição e respectiva percentagem ser verificada no quadro 6. Alguns dos itens não manifestam qualquer resposta “Não há”, porém podemos verificar que o item “Adultos” manifesta uma percentagem bastante elevada, 61.5% dos jovens acolhidos em AA referem não existirem “Adultos” (i.e., cozinheiro, motorista, empregado de limpeza, etc.) na sua resposta de acolhimento, mas também no que se refere aos “Educadores” (i.e., Monitores, Prefeitos) em que a percentagem se situa nos 26.9%.

Quadro 6
Frequência das respostas “Não há”, em AA, da ESI

Item	Frequência (%)
Instituição	0
Instalações	0
Adultos	61.5
Educadores	26.9
Doutores	3.8
Direcção	3.8
Colegas de casa	0
Tarefas	0
Actividades de lazer	7.7
Outras actividades	15.4
Regras	7.7
Castigos	15.4

3.1.2. Questionário de Autonomia nos Adolescentes

3.1.2.1. Sensibilidade dos itens

Os itens constituintes do Questionário de Autonomia nos Adolescentes foram alvo de uma análise de distribuição de forma a perceber a sua sensibilidade. Os resultados dessa análise encontram-se no Quadro 7, onde se podem verificar os valores de média, desvio padrão, variação mínima e máxima, assimetria e curtose.

No que respeita à média, o valor mínimo manifesta-se no item 11- “Concordo muitas vezes com os outros, mesmo que não tenha a certeza” (M=2.54) e o valor máximo no item 8 – “Quando discordo de alguém, eu digo-lhe” (M=3.43). O desvio padrão varia entre o valor 0.99 no item 15 – “Muitas vezes hesito em relação ao que fazer” e o valor 1.22 no item 6 – “Muitas vezes não sei o que pensar”. Todos os itens variam entre o valor 1 e 5. Quanto à curtose, o item 6 - “Muitas vezes não sei o que pensar” apresenta o valor mais baixo (-0.99) e o item 15 - “Muitas vezes hesito em relação ao que fazer” apresenta o valor mais elevado (-0.15). A assimetria varia entre os valores -0.31 e 0.48, nos itens 8 - “Quando discordo de alguém, eu digo-lhe” e 11 - “Concordo muitas vezes com os outros, mesmo que não tenha a certeza”, respectivamente.

Quadro 7

Sensibilidade dos itens do QAA (N=181)

Item	Média	Desvio Padrão	Curtose	Varição Mínima	Varição Máxima	Assimetria
1. Noto que tenho dificuldade em decidir o que quero	3.30	1.10	-0.41	1	5	-0.17
2. Quando actuo contra a vontade de alguém, costumo ficar nervoso/a	2.88	1.16	-0.81	1	5	0.03
3. Vou directo/a aos meus objectivos	3.38	1.04	-0.42	1	5	-0.19
4. Consigo fazer uma escolha facilmente	3.09	1.05	-0.49	1	5	0.02
5. Tenho uma forte tendência para ceder aos desejos dos outros	3.24	1.07	-0.46	1	5	-0.16
6. Muitas vezes não sei o que pensar	2.87	1.22	-0.99	1	5	-0.04
7. Sinto dificuldade em começar uma nova actividade sozinho/a	3.39	1.15	-0.65	1	5	-0.28
8. Quando discordo de alguém, eu digo-lhe	3.44	1.11	-0.41	1	5	-0.31
9. Quando me perguntam o que quero, sei imediatamente o que responder	3.22	1.09	-0.53	1	5	-0.11
10. Consigo iniciar facilmente novos projectos ou actividades sozinho/a	3.04	1.05	-0.22	1	5	0.07
11. Concordo muitas vezes com os outros, mesmo que não tenha a certeza	3.46	1.09	-0.31	1	5	-0.47
12. Sou uma pessoa corajosa	3.40	1.04	-0.30	1	5	-0.18
13. Mudo frequentemente de opinião depois de ouvir as outras pessoas	3.25	1.03	-0.27	1	5	-0.24
14. Sinto-me rapidamente à vontade numa situação nova	2.84	1.01	-0.29	1	5	0.10
15. Muitas vezes hesito em relação ao que fazer	3.13	0.99	-0.15	1	5	-0.03

3.1.2.2. Análise Factorial

A validade factorial do QAA foi avaliada por intermédio de uma análise factorial confirmatória (Figura 6) com o Software AMOS 18.0 (2009). O modelo original foi ajustado a uma amostra de 181 jovens e revelou uma qualidade de ajustamento sofrível ($\chi^2 / df = 3,101$; CFI = 0,626; GFI = 0,815; RMSEA = 0,000) (Maroco, 2010b).

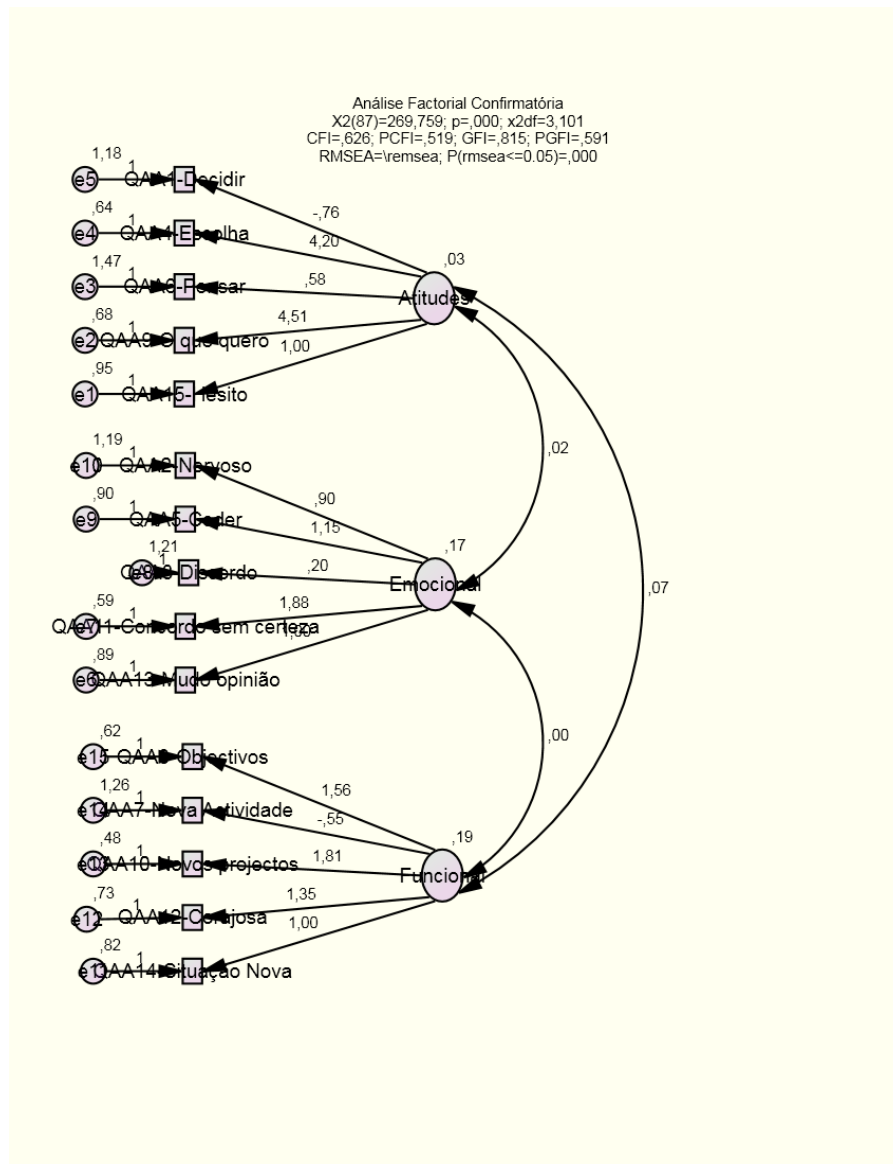


Figura 6. Análise Factorial Confirmatória do QAA

Foi igualmente realizada a análise da validade de conteúdo através da análise factorial exploratória, com rotação ortogonal pelo método Varimax com a extração de componentes principais através do critério Keiser. Foi utilizado o KMO (0.78, média) e o teste de Bartlett ($p=0.000$, significativo) para a adequação da análise (Pestana & Gageiro, 2000).

Esta análise convergiu em cinco componentes principais explicativos de 60.68% da variância total (Quadro 8).

Quadro 8
Variância Total Explicada do QAA

Componentes	Extracção de somas de cargas						Rotação de somas de cargas		
	Valores Próprios Iniciais			quadráticas			quadráticas		
	Total	%	%	Total	%	%	Total	%	%
1	3.36	22.41	22.41	3.36	22.41	22.41	3.31	22.08	22.08
2	2.60	17.35	39.76	2.60	17.35	39.76	1.56	10.43	32.51
3	1.10	7.35	47.11	1.10	7.35	47.11	1.47	9.91	42.41
4	1.03	6.86	53.97	1.03	6.86	53.97	1.40	9.30	51.71
5	1.01	6.72	60.69	1.01	6.72	60.68	1.35	8.98	60.68
6	0.86	5.70	66.38						
7	0.75	5.01	71.39						
8	0.72	4.80	76.20						
9	0.66	4.40	80.59						
10	0.60	4.02	84.61						
11	0.53	3.54	88.15						
12	0.51	3.37	91.52						
13	0.49	3.26	94.78						
14	0.42	2.78	97.56						
15	0.37	2.44	100.00						

Porém, dado a não congruência com os resultados da escala original, procedeu-se ao mesmo tipo de análise forçando a três componentes principais. A solução com três componentes é explicativa de 47.11% da variância total. A primeira componente explica 22.41%, a segunda 17.35% e a terceira 7.35% (Quadro 9).

No Quadro 10 pode ser verificada a saturação dos itens (>0.30) em cada uma das componentes.

Quadro 9

Variância Total Explicada do QAA, forçada a 3 componentes

Componentes	Extracção de somas de cargas						Rotação de somas de cargas		
	Valores Próprios Iniciais			quadráticas			quadráticas		
	Total	Variância	Acumulada	Total	Variância	Acumulada	Total	Variância	Acumulada
1	3.36	22.41	22.41	3.36	22.41	22.41	3.36	22.39	22.39
2	2.60	17.35	39.76	2.60	17.35	39.76	2.01	13.41	35.80
3	1.10	7.35	47.11	1.10	7.35	47.11	1.70	11.31	47.11
4	1.03	6.86	53.97						
5	1.01	6.72	60.69						
6	0.86	5.70	66.38						
7	0.75	5.01	71.39						
8	0.72	4.80	76.20						
9	0.66	4.40	80.59						
10	0.60	4.02	84.61						
11	0.53	3.54	88.15						
12	0.51	3.37	91.52						
13	0.49	3.26	94.78						
14	0.42	2.78	97.56						
15	0.37	2.44	100.00						

Quadro 10

Saturação dos itens do QAA

	Componentes		
	1	2	3
10. Consigo iniciar facilmente novos projectos ou actividades sozinho/o	0.76		
9. Quando me perguntam o que quero, sei imediatamente o que responder	0.75		
3. Vou directo/a aos meus objectivos	0.71		
4. Consigo fazer uma escolha facilmente	0.68		
12. Sou uma pessoa corajosa	0.67		
8. Quando discordo de alguém, eu digo-lhe	0.62		
14. Sinto-me rapidamente à vontade numa situação nova	0.52		-0.33
6. Muitas vezes não sei o que pensar		0.69	
5. Tenho uma forte tendência para ceder aos desejos dos outros		0.64	
7. Sinto dificuldade em começar uma nova actividade sozinha		0.62	
11. Concordo muitas vezes com os outros, mesmo que não tenha a certeza		0.58	0.53
1. Noto que tenho dificuldade em decidir o que quero		0.55	
2. Quando actuo contra a vontade de alguém, costumo ficar nervoso/a		0.46	
15. Muitas vezes hesito em relação ao que fazer		0.44	-0.47
13. Mudo frequentemente de opinião depois de ouvir as outras pessoas		0.41	0.44

Esta análise vai ao encontro do modelo teórico de Noom (1999) uma vez que grande parte dos itens satura nas dimensões propostas pelo autor (i.e., os itens 3, 10, 12 e 14 da primeira componente correspondem a itens definidos para a autonomia funcional; os itens 2,

5, e 11 da segunda componente correspondem a itens definidos para a autonomia emocional). Analisando a figura 7 podemos verificar que a linha assume uma direcção próxima à horizontalidade, a partir do terceiro componente, reforçando a adequabilidade de uma estrutura multifactorial com 3 factores (Maroco, 2010a).

Desta forma e atendendo que os resultados da análise factorial confirmatória são sofríveis, irá ser utilizada a estruturação de dimensões proposta na escala original.

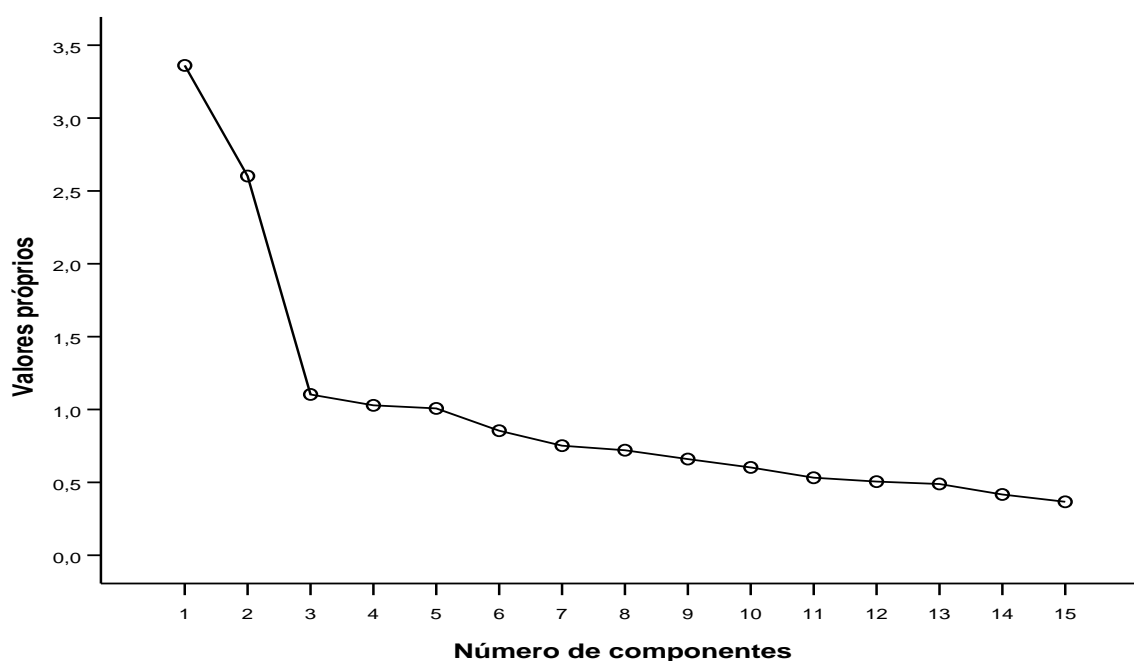


Figura 7. Gráfico ilustrativo dos valores próprios de cada componente do QAA (*Scree Plot*)

3.1.2.3. Fidelidade

A análise da consistência interna do Questionário de Autonomia para Adolescentes foi realizada recorrendo ao *alpha de Cronbach*, tendo sido obtido um resultado considerado adequado (0.70) (Salkind, 2010).

3.1.2.4. Medidas descritivas

No que se refere às medidas descritivas, quadro 11, a média da escala total é de 47.94 e o desvio padrão 6.95. As análises com base nas dimensões desta escala foram baseadas nas médias de cada dimensão atendendo às análises realizadas pelo autor original (Noom, 1999).

Quanto às dimensões a média superior manifesta-se na autonomia emocional com um valor de 3.25 e inferior, 3.12 na autonomia atitudinal. O desvio padrão apresenta o seu valor mais alto na autonomia funcional e o mais baixo na autonomia emocional (DP=0.67; DP=0.57). No que concerne aos valores de curtose, a autonomia funcional apresenta o valor mais elevado, -0.19, e a autonomia emocional o valor menor, -0.04. A assimetria revela-se

superior na dimensão atitudinal, 0.50, e inferior na emocional, 0.14. A nível da variação, a mínima manifesta-se na dimensão funcional, 1.40, e as máximas nas dimensões funcional e emocional, 4.80.

Quadro 11

Medidas descritivas do QAA

Item	Média	Desvio Padrão	Curtose	Varição Mínima	Varição Máxima	Assimetria
Autonomia Funcional	3.21	0.67	-0.19	1.40	4.80	-0.19
Autonomia Emocional	3.25	0.57	-0.04	1.80	4.80	0.14
Autonomia Atitudinal	3.12	0.59	0.15	1.80	4.60	0.50
Escala Total	47.94	6.95	0.57	27	70	0.42

3.1.3. Escala de Satisfação com a Vida

3.1.3.1. Sensibilidade dos itens

À Escala de Satisfação com a Vida foi realizada uma análise de distribuição dos itens com o intuito de avaliar a sensibilidade dos seus itens constituintes. Os resultados dessa análise encontram-se no Quadro 12, onde se podem verificar os valores de média, desvio padrão, variação mínima e máxima, assimetria e curtose.

A média superior verifica-se no item 1 – “A minha vida está a correr bem” e a inferior no item 3 – “Eu gostaria de mudar muitas coisas na minha vida” (M=3.94; M=1.65). Quanto ao desvio padrão o item 3 - “Eu gostaria de mudar muitas coisas na minha vida” manifesta o valor inferior (DP=1.02) e o item 2 – “A minha vida é perfeita” o valor superior (DP=1.56). Todos os itens apresentam uma variação entre o valor mínimo e máximo da escala. A Curtose exibe o seu valor mais alto no item 3 - “Eu gostaria de mudar muitas coisas na minha vida”, com 5.26, e o seu valor mais baixo no item 1 – “A minha vida está a correr bem”, com -0.65. No que se refere à assimetria o item 3- “Eu gostaria de mudar muitas coisas na minha vida” apresenta o valor superior, 2.12 e o item 2 – “A minha vida é perfeita” o inferior, 0.20.

Quadro 12

Sensibilidade dos itens da ESCV

Item	Média	Desvio Padrão	Curtose	Varição Mínima	Varição Máxima	Assimetria
1.Aminha vida está a correr bem.	3.94	1.51	-0.65	1	6	-0.62
2.A minha vida é perfeita.	2.91	1.56	-1.11	1	6	0.20
3.Eu gostaria de mudar muitas coisas na minha vida.	1.65	1.02	5.26	1	6	2.12
4.Eu desejava ter uma vida diferente.	1.90	1.28	1.89	1	6	1.58
5.Eu tenho uma vida boa.	3.90	1.55	-0.76	1	6	-0.56
6.Eu tenho na vida o que quero.	3.14	1.58	-1.26	1	6	-0.07
7.A minha vida é melhor do que a vida da maioria das pessoas da minha idade.	3.56	1.64	-1.11	1	6	-0.22

3.1.3.2. Análise Factorial

Foi realizada uma análise factorial exploratória seguida de rotação ortogonal Varimax com extracção dos componentes principais pelo critério Kaiser. A adequação desta análise foi verificada através do teste KMO (0.81, boa) e teste Bartlett ($p=0.000$, significativo) indicando-nos valores aceitáveis para a sua prossecução (Pestana & Gageiro, 2000). A análise factorial convergiu para uma solução de dois componentes principais que explicam 64.26% da variância total. O primeiro componente explica 46.62% e o segundo 17.74% da variância (quadro 13).

Quadro 13

Variância Total Explicada da ESCV

Componentes	Extracção de somas de cargas								
	Valores Próprios Iniciais			quadráticas			Rotação de somas de cargas quadráticas		
	Total	Variância	% Acumulada	Total	Variância	% Acumulada	Total	Variância	% Acumulada
1	3.26	46.62	46.62	3.26	46.62	46.62	2.97	42.47	42.47
2	1.24	17.64	64.26	1.24	17.74	64.26	1.53	21.79	64.26
3	0.74	10.59	74.85						
4	0.60	8.56	83.41						
5	0.51	7.32	90.73						
6	0.38	5.37	96.10						
7	0.27	3.91	100.00						

No que respeita à saturação dos itens (>0.30) o quadro 14 ilustra a distribuição das saturações em cada um dos componentes.

Quadro 14

Saturação dos itens da ESCV

	Componentes	
	1	2
5.Eu tenho uma vida boa.	0.82	
1.Aminha vida está a correr bem.	0.79	
2.A minha vida é perfeita.	0.78	
6.Eu tenho na vida o que quero.	0.75	
7.A minha vida é melhor do que a vida da maioria das pessoas da minha idade.	0.69	
3.Eu gostaria de mudar muitas coisas na minha vida.		0.84
4.Eu desejava ter uma vida diferente.		0.79

O facto do objectivo da escala ser a apreciação global da satisfação com a vida e uma vez que tanto a escala original (Huebner, 1991a) como a adaptação portuguesa (Marques, Pais Ribeiro & Lopez 2007) apresentam uma estrutura unifactorial, optou-se por realizar as apreciações no presente estudo considerando essa mesma estrutura. Também o facto de, na presente análise, o segundo factor ser constituído apenas por dois itens, reforça essa decisão.

3.1.3.3. Fidelidade

A análise da consistência interna da Escala de Satisfação com a Vida foi realizada recorrendo ao *alpha de Cronbach*, tendo sido obtido um resultado considerado adequado (0.65) (Salkind, 2010).

3.1.3.4. Medidas descritivas

No quadro 15 podem ser verificadas as medidas descritivas respeitantes à escala total.

Quadro 15

Medidas descritivas da Escala Total ESCV

	Média	Desvio Padrão	Curtose	Varição Mínima	Varição Máxima	Assimetria
Escala Total	21.01	6.92	-0.46	7	37	-0.25

3.2. Relações entre as variáveis

Para efectuar a análise das relações existentes entre as variáveis em estudo começou-se por analisar a amostra em função da sua normalidade.

Sempre que as variáveis analisadas compreendiam uma amostra superior a 30 participantes, aceitou-se a sua normalidade com base no Teorema do Limite Central, assumindo que a distribuição da média amostral é satisfatoriamente aproximada à normal (Maroco, 2010a).

Porém, algumas das variáveis em estudo compreendem um número de participantes inferior a 30. Para esses casos, utilizou-se o Teste Shapiro-Wilk, aceitando-se a normalidade quando $p \geq 0.05$. No que concerne à homogeneidade de variâncias foi utilizado o Teste de Levene, aceitando a homogeneidade se $p \geq 0.05$ (Maroco, 2010a).

Quando ambas as condições se verificam, a normalidade e a homogeneidade, utilizou-se estatística paramétrica. Contudo, quando uma das condições não é verificada (e.g., autonomia funcional; satisfação com regras) a estatística utilizada foi não paramétrica.

Atendendo os pressupostos supracitados, foi utilizado o Teste *t* Student, com correcção de Welch, para a comparação de médias entre as variáveis com distribuição normal, e o Teste Mann-Whitney para as restantes.

As medidas de associação utilizadas referem-se ao Coeficiente de correlação Bravais-Pearson.

Para as análises baseadas na variável independente, idade, utilizou-se a idade de 16 anos para a separação entre mais velhos e mais novos, por ter sido o valor de mediana encontrado. Para uma análise mais coerente de comparação entre respostas sociais, utilizou-se igualmente a idade de 16 anos, por ser a idade mínima de acolhimento em apartamento de autonomização, permitindo uma análise mais lógica entre jovens com as mesmas idades, em LIJ e AA.

3.2.1. Análises Correlacionais

No quadro 16 podem ser apreciados os coeficientes de correlação entre cada uma das variáveis analisadas.

Quadro 16

Coefficientes de correlação entre as variáveis

	Total ESCV	Total QAA	Autonomia Atitudinal	Autonomia Emocional	Autonomia Funcional	Total ESI	Dimensão Humana	Dimensão Disciplina Organizacional
Total QAA	0.189*							
Autonomia Atitudinal	0.101	0.802**						
Autonomia Emocional	0.141	0.678**	0.350**					
Autonomia Funcional	0.181*	0.776**	0.474**	0.222**				
Total ESI	0.386**	0.106	0.086	-0.049	0.188**			
Dimensão Humana	0.335**	0.022	0.027	-0.103	0.112	0.848**		
Dimensão Disciplina	0.276**	0.167*	0.156*	0.018	0.193**	0.646**	0.288**	
Dimensão Organizacional	0.278**	0.079	0.031	-0.009	0.145	0.809**	0.577**	0.300**

* coeficiente significativo para um nível de significância $\leq 0,05$

** coeficiente significativo para um nível de significância $\leq 0,01$

3.2.1.1. Satisfação com a Vida vs. Satisfação com a Instituição

No que respeita à relação entre a satisfação com a vida e a satisfação com a instituição verificou-se um coeficiente de correlação significativo, positivo e fraco ($r=0.386$). Ao nível das dimensões da satisfação com a instituição, humana, disciplina e organizacional, todas se correlacionam significativa e positivamente, e com coeficientes considerados fracos, em relação à satisfação com a vida ($r=0.335$; $r= 276$; $r=278$).

3.2.1.2. Autonomia vs. Satisfação com Instituição

A nível da relação entre a autonomia e a satisfação com a instituição, esta, enquanto medida na forma de escala total apresenta um coeficiente significativo, positivo e muito fraco com a dimensão de disciplina da escala de satisfação com a instituição ($r= 0.167$). Quando analisada a autonomia mediante as suas dimensões, a autonomia atitudinal correlaciona-se significativa e positivamente com a dimensão disciplina embora essa correlação seja considerada muito fraca ($r= 0.156$). Por sua vez, a autonomia funcional correlaciona-se significativa e positivamente tanto com a dimensão disciplina como com a escala total de satisfação com a instituição, também com valores considerados muito fracos ($r= 0.193$; $r= 0.188$).

3.2.1.3. Autonomia vs. Satisfação com a Vida

A autonomia correlaciona-se de forma significativa, positiva e de valor muito fraco com a satisfação com a vida ($r= 0.189$). A nível da autonomia funcional também se correlaciona significativa e positivamente com a satisfação com a vida, manifestando um valor considerado muito fraco ($r= 0.181$).

3.2.2. Análises Comparativas

3.2.2.1. Sexo

No quadro 17 é possível verificar os resultados referentes à significância das diferenças para a variável independente sexo, em relação à satisfação com a Vida, à satisfação com a instituição e à autonomia. Foram consideradas estatisticamente significativas as diferenças entre médias em que cujo *p-value* se manifestou menor que 0.05 (anotado com **) assim como menor que 0.10 (anotado com *)⁵.

Quadro 17

Teste t student para a variável Sexo

Teste t Student	Feminino		Masculino		Sig.
	M	DP	M	DP	
Total ESCV	20.48	6.81	22.43	7.08	0.093*
Total QAA	45.58	6.82	48.92	7.26	0.249
Autonomia Atitudinal	3.06	0.57	3.31	0.62	0.011**
Autonomia Emocional	3.27	0.58	3.20	0.59	0.495
Autonomia Funcional	3.19	0.66	3.27	0.67	0.444
Total ESI	41.04	6.65	43.92	6.90	0.011**
Dimensão Humana	3.76	0.70	3.94	0.65	0.111
Dimensão Disciplina	2.47	0.86	2.78	0.84	0.031**
Dimensão Organizacional	3.71	0.68	3.96	0.70	0.025**

* $p \leq 0.10$ ** $p \leq 0.05$

A escala de satisfação com a vida manifesta diferenças estatisticamente significativas $t(179) = -1.688$; $p=0.093$, sendo que os jovens do sexo masculino obtêm valores significativamente mais elevados em relação às jovens do sexo feminino (22.43 versus 20.48).

⁵ De acordo com Cohen (1988) poderão ser considerados níveis de significância para *p-value* inferior a 0.01, 0.05 e 0.10.

Na autonomia atitudinal, são também os jovens do sexo masculino quem manifesta valores superiores (3.31 versus 3.06), sendo essa diferença igualmente estatisticamente significativa $t(179) = -2.561; p = 0.011$.

No que concerne à satisfação com a instituição, a escala total e as dimensões de disciplina e organizacional manifestam diferenças estatisticamente significativas. A escala total revela que são os jovens do sexo masculino que mais satisfeitos estão com a instituição (43.92 versus 41.04) $t(179) = -2.564; p = 0.011$. Na dimensão de disciplina os rapazes apresentam valores superiores (2.78 versus 2.47) $t(179) = -2.174; p = 0.031$. A dimensão organizacional também revela os rapazes como mais satisfeitos (3.96 versus 3.71) $t(179) = -2.264; p = 0.025$.

3.2.2.2. Idade

O quadro seguinte ilustra os resultados correspondentes à significância das diferenças para a variável independente Idade, em relação à satisfação com a vida, autonomia e satisfação com a instituição. Os dois grupos a comparar referem-se a jovens com idades inferiores a 16 anos, considerados “Mais novos”, e com idades superiores a 16 anos, “Mais velhos”. Foram consideradas estatisticamente significativas as diferenças entre médias em que cujo *p-value* se manifestou menor que 0.05 (anotado com **) assim como menor que 0.10 (anotado com *).

Quadro 18
Teste t student para a variável Idade

Teste t Student	Mais novos (<16 anos)		Mais velhos (>16 anos)		Sig.
	M	DP	M	DP	
Total ESCV	20.10	7.15	21.63	6.75	0.147
Total QAA	46.89	5.40	48.67	7.78	0.072*
Autonomia Atitudinal	3.08	0.52	3.15	0.64	0.432
Autonomia Emocional	3.19	0.53	3.29	0.62	0.251
Autonomia Funcional	3.10	0.62	3.29	0.69	0.069*
Total ESI	41.90	7.15	41.78	6.65	0.905
Dimensão Humana	3.83	0.70	3.80	0.69	0.779
Dimensão Disciplina	2.48	0.83	2.61	0.88	0.308
Dimensão Organizacional	3.83	0.75	3.74	0.65	0.368

* $p \leq 0.10$ ** $p \leq 0.05$

No que se refere à autonomia, enquanto escala total, existem diferenças estatisticamente significativas $t(178) = 1.457; p = 0.072$, revelando que os jovens mais velhos manifestam valores superiores (48.67 versus 46.89).

Também na dimensão de autonomia funcional as diferenças se manifestam estatisticamente significativas $t(178)= 1.826$; $p=0.069$, em que os valores superiores se verificam nos jovens mais velhos (3.29 versus 3.10).

3.2.2.3. Resposta Social

Nos quadros 19 e 20 é possível verificar os resultados referentes à significância das diferenças para a variável independente resposta social, em relação à satisfação com a vida, à satisfação com a instituição e à autonomia. Foram consideradas estatisticamente significativas as diferenças entre médias em que cujo *p-value* se manifestou menor que 0.05 (anotado com **) assim como menor que 0.10 (anotado com *).

Quadro 19

Teste t student para a variável Resposta Social

Teste t Student	LIJ		AA		Sig.
	M	DP	M	DP	
Total ESCV	20.50	7.02	24.04	5.50	0.015**
Total QAA	47.55	6.54	50.23	8.79	0.148
Autonomia Atitudinal	3.09	0.57	3.31	0.72	0.087*
Autonomia Emocional	3.24	0.60	3.31	0.69	0.609
Total ESI	41.06	6.86	46.35	4.44	0.000**
Dimensão Humana	3.73	0.68	4.27	0.55	0.000**
Dimensão Organizacional	3.72	0.70	4.09	0.54	0.013**

* $p \leq 0.10$ ** $p \leq 0.05$

Quadro 20

Teste Mann-Whitney para a variável Resposta Social

Teste Mann-Whitney	LIJ		AA		Sig.
	M	DP	M	DP	
Autonomia Funcional	3.17	0.66	3.43	0.70	0.028**
Dimensão Disciplina	2.50	0.82	2.88	1.01	0.126

A nível da satisfação com a vida, existem diferenças estatisticamente significativas $t(179)= -2.444$; $p=0.015$, sendo que os jovens acolhidos em apartamento de autonomização manifestam valores superiores aos acolhidos em lar de infância e juventude (24.04 versus 20.50).

No que respeita à autonomia, duas das dimensões apresentam diferenças estatisticamente significativas, revelando resultados superiores em Apartamento de Autonomização. A autonomia atitudinal com $t(179)= -1.719$; $p=0.087$ (3.31 versus 3.09), e a autonomia funcional com $Z= -2.203$; $p=0.028$ (3.43 versus 3.17).

A satisfação com a vida, tal como as dimensões humana e organizacional também manifestam diferenças estatisticamente significativas. Os jovens acolhidos em apartamento manifestam valores superiores (46.35 versus 41.06) com $t(179) = -5.135$; $p=0.000$ na escala total de satisfação com a vida. Na dimensão humana, também são os resultados obtidos em apartamento que se manifestam mais elevados (4.27 versus 3.73) com $t(179) = -3.817$; $p=0.000$. A dimensão organizacional segue o mesmo padrão anterior, com resultados superiores em apartamento de autonomização (4.09 versus 3.72) com $t(179) = -2.520$; $p=0.013$.

3.2.2.4. Resposta Social em idades superiores a 16 anos

Nos quadros 21 e 22 é possível verificar os resultados referentes à significância das diferenças para a variável independente resposta social, em relação à satisfação com a vida, à satisfação com a instituição e à autonomia, analisando apenas os jovens com idades superiores a 16 anos. Foram consideradas estatisticamente significativas as diferenças entre médias em que cujo *p-value* se manifestou menor que 0.05 (anotado com **) assim como menor que 0.10 (anotado com *).

Quadro 21

Teste t-student para a variável Resposta Social em idades superiores a 16 anos

Teste t Student	LIJ		AA		Sig.
	M	DP	M	DP	
Total ESCV	20.79	6.55	24.20	5.55	0.026**
Total QAA	47.91	7.39	50.44	8.91	0.186
Autonomia Atitudinal	3.05	0.61	3.32	0.73	0.091*
Autonomia Emocional	3.30	0.61	3.31	0.70	0.920
Total ESI	39.98	7.03	46.60	4.33	0.000**
Dimensão Humana	3.62	0.69	4.30	0.55	0.000**
Dimensão Organizacional	3.57	0.65	4.10	0.55	0.001**

* $p \leq 0.10$ ** $p \leq 0.05$

Quadro 22

Teste Mann-Whitney para a variável Resposta Social em idades superiores a 16 anos

Teste Mann-Whitney	LIJ		AA		Sig.
	M	DP	M	DP	
Autonomia Funcional	3.23	0.72	3.46	0.70	0.119
Dimensão Disciplina	2.52	0.84	2.91	1.03	0.188

Analisando os jovens com idades superiores a 16 anos, é possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas na escala de satisfação com a vida $t(79) = -2.266$; $p=0.026$, verificando-se que os valores superiores aparecem em jovens acolhidos em Apartamento de Autonomização (24.20 versus 20.79).

A nível da satisfação com a instituição as diferenças significativas surgem na escala total $t(79) = -5.179$; $p=0.000$, ressaltando os apartamentos de autonomização (46.60 versus 39.98). As dimensões humana e organizacional também se manifestam estatisticamente significativas $t(79) = -4.267$; $p=0.000$ e $t(79) = -3.585$; $p=0.001$ respectivamente, com valores superiores em apartamento (4.30 versus 3.62; 4.10 versus 3.57).

A autonomia atitudinal também revela diferenças consideradas significativas $t(79) = -1.712$; $p=0.091$, onde os jovens acolhidos em apartamento revelam valores superiores (3.32 versus 3.05).

3.2.2.5. Sexo em idades superiores a 16 anos

Os quadros seguintes ilustram os resultados correspondentes à significância das diferenças para a variável independente Sexo, em relação à satisfação com a vida, autonomia e satisfação com a instituição, analisando apenas os jovens com idades superiores a 16 anos. Foram consideradas estatisticamente significativas as diferenças entre médias em que cujo *p-value* se manifestou menor que 0.05 (anotado com **) assim como menor que 0.10 (anotado com *).

Quadro 23

Teste t-student para a variável Sexo em idades superiores a 16 anos

Teste <i>t Student</i>	Feminino		Masculino		Sig.
	M	DP	M	DP	
Total ESCV	21.43	6.77	23.28	4.91	0.284
Dimensão Disciplina	2.55	0.89	2.98	0.95	0.073*

* $p \leq 0.10$ ** $p \leq 0.05$

Quadro 24

Teste Mann-Whitney para a variável Sexo em idades superiores a 16 anos

Teste Mann-Whitney	Feminino		Masculino		Sig.
	M	DP	M	DP	
Total QAA	48.00	7.57	51.11	8.84	0.237
Autonomia Atitudinal	3.04	0.58	3.48	0.79	0.031**
Autonomia Emocional	3.27	0.66	3.41	0.56	0.385
Autonomia Funcional	3.29	0.71	3.33	0.76	0.745
Total ESI	41.32	7.17	44.50	5.91	0.066*
Dimensão Humana	3.80	0.77	3.97	0.51	0.395
Dimensão Organizacional	3.67	0.66	3.93	0.66	0.077*

A autonomia atitudinal apresenta diferenças consideradas estatisticamente significativas $Z = -2.155$; $p = 0.031$, revelando que os rapazes apresentam valores superiores comparativamente às raparigas (3.48 versus 3.04).

A satisfação com a instituição, enquanto escala total, e as dimensões de disciplina e organizacional também se manifestam estatisticamente significativas: $Z = -1.838$, $p = 0.066$; $t(79) = -1.815$, $p = 0.073$ e $Z = -1.770$, $p = 0.077$, respectivamente. A escala total de satisfação com a instituição revela valores superiores nos rapazes (44.50 versus 41.32), a disciplina e organizacional revela a mesma tendência de valores superiores no sexo masculino (2.98 versus 2.55; 3.93 versus 3.67).

4. Discussão

Aquando a delineação deste estudo vários objectivos foram propostos, nomeadamente no que se refere à percepção das relações existentes entre a autonomia e a satisfação com a vida em jovens institucionalizados. Porém, à medida que a investigação foi tomando lugar, esses objectivos gerais foram-se alargando e tornando-se mais específicos.

Neste ponto irão ser, então, discutidas todas as variações que foram ocorrendo neste estudo, os resultados obtidos no mesmo, assim como as limitações sentidas e consequentes recomendações para investigações futuras.

No que concerne à satisfação com a vida optou-se pela Escala de Satisfação com a Vida (Marques, Pais Ribeiro & Lopez, 2007) verificando-se que as qualidades psicométricas da versão portuguesa se aproximam da versão original (Huebner, 1991a) tendo-se aferido uma consistência interna de 0.89 na versão portuguesa e de 0.80 na versão inglesa (Dew &

Huebner, 1994). Na presente amostra o *alfa de Cronbach* situa-se no valor 0.65, um pouco abaixo do pretendido, porém, de acordo com Salkind (2010) pode ainda ser considerado adequado desde que as interpretações sejam realizadas com cuidado.

Quanto à sensibilidade dos itens da ESCV alguns valores de assimetria e curtose salientam a possibilidade de não se verificar uma distribuição normal, porém, aquando a análise com o teste Kolmogorov-Smirnoff verifica-se que a distribuição respeita a normalidade em todas as variáveis relacionadas, considerando-se assim promissores os resultados encontrados.

Quanto à análise factorial, já foi referenciado na descrição dos resultados, que a estrutura unifactorial esperada não foi confirmada, havendo a presença de um segundo componente principal. Analisando os itens correspondentes a esse segundo factor, e os resultados dos mesmos, é interessante reparar que ambos se direccionam para a mudança, itens em que os jovens desta amostra manifestam resultados indicadores de um forte desejo de mudança. Para uma adequada interpretação destes resultados, seria necessária a comparação com uma amostra de jovens não institucionalizados, a fim de perceber se esta condição se manteria. Uma explicação possível para esta diferença de estrutura factorial poderá estar relacionada com a importância que a mudança, em particular, poderá representar para a satisfação com a vida para os jovens acolhidos em instituições.

No que respeita ao Questionário de Autonomia nos Adolescentes (Noom, 1999; adaptado por Graça, et al. 2010) as análises factorial, de fiabilidade e sensibilidade, demonstram que os resultados são adequados para a continuação da utilização deste instrumento. Contudo, dadas algumas incongruências a nível da sua estrutura, como é o caso do número de componentes principais encontrados, tanto na adaptação portuguesa como no presente estudo, indica-nos que é um instrumento que deve continuar a ser estudado para a população portuguesa.

No que se refere ao instrumento que avalia a satisfação em instituição, a Escala de Satisfação com a Instituição, foi construída com o intuito de relacionar também esta variável com as anteriormente definidas. Na análise realizada a nível da sensibilidade verifica-se que a escala manifesta uma distribuição apropriada, com valores de assimetria e de curtose indicadores de uma distribuição normal. A sua fiabilidade, a nível da consistência interna, também se expressa com um valor adequado ($\alpha = 0.79$). Aquando a construção da escala foi proposta uma divisão em dimensões, onde se pretendia que a escala centrasse a sua avaliação em quatro grandes dimensões: os recursos físicos, as relações humanas, as actividades e a disciplina. Imediatamente após a recolha de dados verificámos algumas lacunas no questionário, podendo este ser mais específico a nível dos recursos físicos, nomeadamente

nos espaços tidos como comuns (salas de convívio, refeitório, etc.) e nos espaços particulares (quartos, casas-de-banho). Após a Análise Factorial Exploratória, verificámos que em termos estatísticos o questionário apresentou uma estrutura multifactorial, constituída por três factores. Os itens constituintes das relações humanas mantiveram-se de acordo com o teorizado, a disciplina agrupou as regras e castigos, mas também as tarefas, e finalmente, o último factor reuniu os itens considerados de recursos físicos e de actividades. Perante este último conjunto de itens optou-se por nomear esta dimensão como “organizacional”, parecendo-nos que estes quatro itens têm em comum fazer parte da organização geral de uma resposta social. Apesar de algumas alterações relativas à organização das dimensões, entre o teorizado e os resultados da análise factorial, parece-nos que o questionário manifesta um bom potencial de avaliação do conceito proposto, a satisfação com a instituição.

Para tecer algumas considerações sobre os resultados pesquisaram-se relações entre a autonomia e a satisfação com a vida, autonomia e satisfação com a instituição, assim como satisfação com a vida e satisfação com a instituição. Foram tidos em conta os resultados das escalas descritas no ponto 3.2., atendendo que para o QAA e para o ESI foram utilizadas as médias das pontuações de cada uma das dimensões, por questionários, ao invés do somatório dos mesmos.

As variáveis independentes analisadas foram o sexo, o tipo de resposta social e a idade.

No que concerne às tarefas directamente relacionadas com a autonomia, Velarde e Martinez U.(2008) referem que os adolescentes institucionalizados revelam mais objectivos ou metas que os seus pares a viver em seio familiar. Analisando os resultados obtidos e associando a definição de objectivos e metas ao conceito de autonomia atitudinal, verificamos que na presente amostra de jovens institucionalizados, a média nesta dimensão é claramente inferior aos resultados obtidos em investigações com jovens não institucionalizados⁶ (Graça, et al. 2010; Noom, Deković & Meus, 1999).

Flemming (2005b) verificou também que existem algumas diferenças quando se tem em consideração o género. Apesar de não existirem diferenças no que se refere ao desejo de autonomia, verifica-se que aos 16-17 anos os rapazes manifestam um maior nível de autonomia em relação às raparigas, associado à desobediência aos pais. A autora sugere que estes resultados estão relacionados com o facto de as raparigas mostrarem maior

⁶ Tanto a investigação de Graça et al. (2010), como a de Noom e colaboradores (1999) compreendem jovens estudantes. Desta forma assumimos que a amostra é composta, na sua grande maioria, por jovens não institucionalizados.

conformidade com as regras impostas pelos pais a fim de manterem as relações de proximidade. Na presente investigação as diferenças entre géneros também apontam para a tendência dos rapazes manifestarem maior autonomia relativamente às raparigas. Foram encontrados resultados significativos relativos à autonomia atitudinal, reforçando a tendência para os rapazes realizarem um exercício cognitivo de avaliação das suas possibilidades e desejos em função da definição de objectivos e metas (Masculino: $M=3.31$; $DP=0.62$; Feminino: $M=3.06$; $DP=0.57$). Em idades superiores a 16 anos, essas diferenças significativas também se verificam a nível da autonomia atitudinal (Masculino: $M=3.35$; $DP=0.79$; Feminino: $M=3.04$; $DP=0.58$). Por outro lado, vários são os estudos em que não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre sexos (Graça, et al. 2010; Noom et al., 2001), ou que essas diferenças se revelaram superiores no sexo feminino (Steinberg & Silverberg, 1986).

Todavia, Graça e colaboradores (2010) verificaram diferenças relativamente às idades em todas as dimensões da autonomia, assim como Noom e seus colaboradores (2001) em relação à autonomia atitudinal e emocional, revelando que o jovens mais velhos, nas faixas etárias de 15-18 anos, manifestam valores mais elevados, em comparação com as faixas etárias 12-14 anos. No presente estudo, essa tendência apenas se verificou a nível da autonomia funcional e da escala total. Noom e colaboradores (2001) sugerem que a autonomia atitudinal e emocional tendem a aumentar com a idade, parecendo haver um progresso na definição de metas independentes dos desejos e expectativas dos outros. Contudo, a diferença de resultados na presente amostra poderá estar relacionada com a especificidade de contexto vivencial, sugerindo que a principal diferença entre estes jovens mais velhos, relativamente aos mais novos está direccionada para a percepção da capacidade de atingir o objectivo. Essa diferença poderá ser mais demarcada talvez pelas exigências instituídas à medida que o termo do acolhimento se aproxima. Timonen-Kallio (2000) desenvolveu o Programa Umbrella que visa o desenvolvimento do processo de autonomização em instituição. Actualmente, em Portugal a definição dos Planos de Desenvolvimento de Autonomia são baseados na versão castelhana desse programa, Del Valle (2005), compreendendo o desenvolvimento de competências a nível do conhecimento de si próprio, da gestão doméstica, da gestão financeira, da formação e emprego e finalmente da rede social de apoio (Gomes, 2010).

Outras investigações são consistentes com estes resultados, especificamente no que respeita à estabilidade temporal da autonomia emocional. Alguns autores referem que essa estabilidade está relacionada com relações conflituais e de desapego com os pais, sugerindo

que valores elevados nesta dimensão poderão indicar desajuste psicológico, (Oliva & Parra, 2001; Parra & Oliva, 2009; Ryan & Lynch, 1989). Atendendo ao pressuposto das relações conflituais e desapego com os pais, a inexistência de diferenças significativas na presente amostra poderá sugerir que essas relações se mantêm distantes e /ou conflituais para a generalidade dos adolescentes institucionalizados, uma vez que as principais razões do seu acolhimento estão relacionados com disfuncionalidades familiares (41.3 % dos participantes).

No que respeita aos resultados em torno da satisfação com a vida, Simões e colaboradores (2008) referem nas suas investigações que a maioria dos adolescentes portugueses se percebem como satisfeitos com a vida. Porém, analisando a presente amostra, verificamos que a média dos valores totais de satisfação com a vida são baixos ($M=21.01$; $DP=6.92$), o que sugere, em termos qualitativos, uma tendência negativa, isto é, os jovens revelam-se tendencialmente insatisfeitos com a vida. Comparando com os resultados já obtidos noutras investigações, verifica-se um valor médio menor em relação à adaptação portuguesa ($M=29.32$ e $DP=6.96$) (Marques, Pais-Ribeiro & Lopez, 2007), e a estudos com a versão original ($M=25.26$ e $DP=6.84$) (Suldo & Huebner, 2004b), em que os valores da escala total assumem valores superiores numa tendência clara de satisfação com a vida. Se atendermos igualmente ao valor de ponto de corte, 4, definido por Suldo & Huebner (2004b) confirmamos essa tendência de insatisfação, uma vez que o valor encontrado se posiciona abaixo de 4 (3.5). Face a estes resultados, leva-nos a sugerir que há uma tendência nos jovens institucionalizados para perceberem menor satisfação com a vida, em relação aos jovens que não vivem em instituição, se considerarmos que na amostra do estudo de validação (Marques et al. 2007) existe uma forte probabilidade dos jovens estudantes viverem em contexto familiar. Analisando as idades avaliadas, ambos os estudos se centram em adolescentes até aos 15 anos, que de acordo com a literatura é esperado que obtenham resultados superiores que os mais velhos (Simões et al., 2008; Matos, Gonçalves & Gaspar, 2004, 2005) porém, no presente estudo não se verificam diferenças estatisticamente significativas quando se comparam os jovens com idades inferiores ou superiores a 16 anos.

Quanto às diferenças entre sexos, verifica-se que na amostra em estudo existem diferenças significativas em relação à satisfação com a vida, demonstrando que são os rapazes que se manifestam mais satisfeitos, independentemente da idade em questão. Os estudos de Simões e colaboradores (2008), Matos, Gonçalves & Gaspar (2004,2005) e Neto (1993) vão ao encontro destes resultados, no entanto, numa população norueguesa não se verificaram diferenças (Clench-Aas et al., 2011).

Atendendo à relação existente entre autonomia e satisfação com a vida, os dados da presente investigação indicam-nos que existe relação, considerada significativa, entre a satisfação com a vida e a autonomia funcional. Estes dados sugerem-nos que o facto dos jovens institucionalizados terem a percepção de competência quanto à escolha de uma estratégia para atingir um objectivo e a concretização da mesma está relacionado positivamente com a sua satisfação com a vida. Também se verifica uma correlação positiva e significativa entre autonomia e satisfação com a vida, ambas na sua globalidade. Essa tendência de influência positiva entre a autonomia e a satisfação com a vida, também tem sido verificada por Noom e colaboradores (1999), Veenhoven (2004), Suldo & Huebner (2004a). Jagodzinsky (2011) não só estabelece a relação positiva entre estas duas variáveis, como define a autonomia como preditora da satisfação com a vida.

Quando se analisam as relações entre satisfação com a vida e satisfação com a instituição surgem positivamente correlacionadas, tanto na sua escala total como cada uma das dimensões. Este resultado aponta para a influência que a satisfação com a instituição pode ter na avaliação global da satisfação com a vida. Este resultado é congruente com as investigações de Siqueira & Dell’Aglia (2006) que verificaram que elevados valores de Satisfação com a Vida podem ser indicadores de que a instituição é vista como fonte de apoio e de satisfação.

O facto de todas as dimensões da satisfação com a instituição se revelarem correlacionadas com a satisfação com a vida, alerta-nos para a importância de cada dimensão para a satisfação com a vida destes jovens. Não só as relações humanas têm um peso na satisfação com a vida, mas a própria estrutura física da resposta social, a sua organização e disciplina representam factores importantes para o bem-estar de cada jovem. Este resultado vai de encontro às considerações de Gomes (2010) quanto à promoção de autonomia em contexto institucional. Esta autora refere que é fundamental o papel e relação de confiança do adulto com o jovem, na imposição de limites coerentes, de forma a poderem desenvolver o seu processo de autonomia de forma estruturada e segura.

Os resultados médios de cada dimensão revelam-nos que os jovens da presente amostra apresentam uma tendência para a satisfação com a instituição, uma vez que classificam com valores de tendência positiva cada uma das dimensões: humana, organizacional e disciplina.

A autonomia também manifesta correlações positivas com a satisfação com a instituição. É a dimensão disciplina que mais se correlaciona com a autonomia, fazendo-o com a escala total, com a autonomia atitudinal e com a autonomia funcional. Estes resultados

sugerem que quanto maior for a capacidade de regular o seu próprio comportamento, mais satisfeitos os jovens se manifestam com a disciplina na instituição. A medida em que o jovem tem da percepção quanto à sua competência para avaliar as suas possibilidades e daí definir as suas metas, assim como a sua competência de concretização das mesmas, influencia a sua satisfação com a disciplina da instituição. Essa mesma percepção de competência de concretização influencia igualmente a satisfação geral com a instituição, traduzido pela correlação positiva entre a autonomia funcional e a escala total de satisfação com a instituição. Se assumirmos que, independentemente das direcções de causalidade entre as relações entre autonomia, satisfação com a vida e satisfação com a instituição, as instituições têm o poder de proporcionar condições para o desenvolvimento da autonomia, assim como proporcionar sentimentos de satisfação com a instituição, acabamos por concluir que podem ter um papel activo para aumentar a satisfação com a vida dos jovens por si acolhidos. É particularmente importante executar este poder de mudança, uma vez, que na nossa amostra estes jovens manifestam claramente pouca satisfação com a vida. Apesar desta investigação não ter utilizado um grupo de controle, a comparação com outros estudos (Huebner, 1991a; Marques et al., 2007) sugere que os jovens desta amostra manifestam resultados inferiores relativamente a uma população menos específica.

Discutindo os resultados tendo como base as diferenças entre os sexos, falta referir a existência de diferenças significativas na satisfação com a instituição. Tanto na escala total, como nas dimensões de disciplina e organizacional, os rapazes manifestam-se mais satisfeitos com a instituição do que as raparigas. Tal facto poderá estar relacionado com a tendência do género feminino dar maior ênfase aos vínculos e à família (Velarde & Martinez U., 2008), resultando numa menor satisfação com a instituição por se verem privadas da relação familiar.

Analisando os resultados sob o prisma do tipo de resposta social verifica-se que existem resultados significativos para as três variáveis analisadas, com uma tendência de resultados superiores em Apartamento de Autonomização em detrimento do lar de infância e juventude. A nível da satisfação com a vida, o valor médio encontrado para os adolescentes acolhidos em apartamento de autonomização é superior ao valor dos jovens acolhidos em lar de infância e juventude. Logo, e atendendo que a relação entre a satisfação com a vida e a satisfação com a instituição foi estabelecida, é possível sugerir que o tipo de resposta social acaba por assumir um papel importante na satisfação com a vida destes jovens.

A nível da satisfação com a instituição apenas a dimensão disciplina não manifesta diferenças estatisticamente significativas, as restantes dimensões apresentam a mesma

tendência: jovens acolhidos em AA apresentam resultados superiores aos acolhidos em LIJ. No que concerne à autonomia, verifica-se a mesma tendência nas dimensões atitudinal e funcional. Estes resultados sugerem-nos que nos apartamentos de autonomização proporcionam-se condições favoráveis à promoção de autonomia atitudinal e funcional, assim como a satisfação com a instituição e com a vida é superior. Del Valle & Fuertes Zurita (2000) nos princípios que definiram para um acolhimento de qualidade, enumeram no princípio básico referente à autonomia, que devem ser desenvolvidas condições que proporcionem a capacidade de decisão, a resolução de problemas, auto-orientação e responsabilização social.

Num apartamento de autonomização, pelas suas características específicas de funcionamento, especificamente a inexistência de um agente educativo durante 24 horas, acaba por haver maior probabilidade para proporcionar o tipo de competências inerentes ao desenvolvimento da autonomia, enunciadas anteriormente, sendo uma possível explicação para as diferenças de resultados encontrados na presente amostra. Os jovens são confrontados com a necessidade de realizar, quase na sua totalidade, a gestão doméstica, a gestão financeira e a gestão da sua formação ou emprego. São obrigados a lidar com as dificuldades inerentes a essa gestão, tomando decisões e responsabilizando-se por elas. Contudo, a existência de um educador responsável pelo AA, dá a oportunidade aos jovens de se sentirem apoiados e seguros nas suas decisões, permitindo uma transição saudável da independência acompanhada para a total independência.

Um outro dado relevante insere-se nas diferenças entre as dimensões de satisfação com a instituição para as duas respostas sociais. Em apartamento os valores são realmente estatisticamente superiores. Em LIJ, a média de respostas centra-se entre “gosto mais ou menos” e “gosto muito”, enquanto que em AA essa média sobe para “gosto muito” e “gosto muitíssimo”, tanto nas dimensões humana, como organizacional. Esta diferença ainda se torna mais acentuada quando são analisados apenas os grupos de jovens com idades superiores a 16 anos. Analisando estes resultados podemos sugerir que tanto a organização como as relações humanas têm um grande peso na satisfação com a instituição. Reflectindo sobre o que está inerente a estas duas dimensões podemos sugerir que o contexto mais doméstico de um apartamento de autonomização contribui para que o ambiente se torne mais acolhedor e pessoal, em detrimento de um lar de infância e juventude em que o número de acolhidos é bastante maior fazendo com que a privacidade se torne difícil de obter e as rotinas se tornam inevitavelmente mais rígidas. Também as relações humanas se estabelecem de forma diferente, em apartamento, pelas mesmas condições, há uma maior facilidade em

estabelecer relações de afectividade e respeito. Em lar de infância e juventude, muitas vezes os recursos humanos não são suficientes para dedicar uma atenção personalizada a todos os acolhidos e assim estabelecer o mesmo tipo de relação que acontece em apartamento.

Em contrapartida, o facto de não existirem diferenças significativas quanto à satisfação com a disciplina conduz-nos a algumas reflexões pertinentes. Sugere-nos que a satisfação com a instituição não tem a ver com a disciplina. Quando os jovens se encontram satisfeitos com todo o resto, ou seja com as relações humanas, o ambiente e organização da instituição, a disciplina torna-se pouco relevante.

Importa referir que todos os resultados descritos e discutidos são referentes à amostra em estudo, não representativa da população de institucionalizados⁷. Desta forma, embora se possam tecer considerações pertinentes, e aumentar o nosso conhecimento sobre os temas abordados, não podem ser realizadas generalizações para a população de jovens em acolhimento.

Um outro ponto de discussão refere-se ao facto de ser uma investigação pioneira. A relação da autonomia com a satisfação com a vida ainda não havia sido alvo de estudos, em Portugal, quer numa população aleatória quer na população específica de jovens institucionalizados. Não só a relação entre estas duas variáveis é pioneira, como a própria autonomia, por si só, não havia sido estudada em nenhuma das respostas sociais, no nosso país. Por este motivo, a presente dissertação pode revelar potencial académico e prático, por toda a informação que disponibiliza. Porém, a inexistência de outros estudos não permite realizar comparações a fim de atestar os presentes resultados.

Após a realização desta investigação algumas reflexões podem ser realizadas no que respeita ao termo autonomia e a sua aplicabilidade no acolhimento institucional. Como fomos percebendo ao longo do enquadramento teórico e também na discussão de resultados, o termo autonomia não pode ser reduzido à aquisição de independência por parte dos adolescentes (Flemming, 2005a; Silverberg & Steinberg, 1987). No entanto o trabalho que se realiza para preparar o jovem para a sua vida adulta, fora da instituição, também não deve ser reduzido ao desenvolvimento de autonomia. Analisando as dimensões constituintes deste conceito, verificamos que é, acima de tudo, um conceito de crescimento pessoal, de aquisição de uma confiança nas suas competências capazes de levar à iniciativa, análise de opções, definição de

⁷ De acordo com os dados do Instituto da Segurança Social (2010) a amostra deste estudo representa 3.27% dos jovens institucionalizados. 2.69% dos acolhidos em lar de infância e juventude e 59.1% dos acolhidos em apartamento de autonomização.

objectivos e tomada de decisão (Noom, 1999; Fleming, 2005a; Siverberg & Steinberg, 1987). E, analisando o trabalho que as instituições fazem para preparar o jovem, envolve toda a componente de desenvolvimento de autonomia, mas também toda a componente prática adjacente a uma vida independente, isto é, a prática instrumental da gestão da independência. Esta reflexão conduz-nos ao questionamento sobre a adequação das denominações “Autonomia” usadas para descrever todo este processo, quer no que respeita aos apartamentos de autonomização quer aos planos individuais de autonomia.

4.1.Limitações

No que respeita às limitações deste estudo destacam-se, desde já, limitações de carácter institucional, especificamente no que respeita ao prazo de entrega desta dissertação.

Neste caso específico, ficou por realizar a validação do instrumento de satisfação com a instituição, antes de ser aplicado na recolha de dados; impediu que a recolha da amostra fosse realizada de forma probabilística, e mesmo sendo não probabilística e de conveniência, impediu alcançar um número superior de jovens acolhidos em apartamento de autonomização, e até de rapazes. Apesar do limite mínimo de 30 rapazes ter sido cumprido, a limitação de tempo para a recolha de dados impossibilitou a continuação de recolha até atingir um número mais próximo ao das raparigas.

Um segundo conjunto de limitações surge em torno da ausência de grupo de controlo, em que poderia ter sido recolhida informação em jovens não institucionalizados.

O questionário de avaliação da satisfação com a instituição também surge com uma limitação pertinente. A escala utilizada para avaliar a satisfação, apesar de nos indicar valores diferentes de satisfação, apresenta quatro valores de tendência claramente positiva e apenas um valor de tendência negativa clara.

4.2.Recomendações para estudos futuros

Um dos pontos em discussão centra-se na capacidade dos apartamentos de autonomização promoverem uma maior autonomia, relativamente aos lares de infância e juventude. Apesar dos resultados revelarem isso mesmo, não podemos inferir que competências estão a ser trabalhadas em AA ou em LIJ que estejam a influenciar essas diferenças. Numa investigação futura, poderá incidir-se também nos procedimentos e actividades habituais que as respostas sociais encetam para promover a autonomia dos jovens acolhidos.

Também a Escala de Satisfação com a Instituição deverá ser alvo de uma reformulação e posterior validação, a fim de se tornar um instrumento válido e de promissora utilidade investigante.

As instituições participantes neste estudo, na sua maioria, encontram-se agregadas ao Plano DOM, que tem vindo a inserir grandes mudanças no funcionamento dos LIJ, e conseqüentemente nos AA. Seria de grande interesse a reprodução deste estudo, analisando as diferenças entre as instituições com Plano DOM e sem esse protocolo.

A análise do número de acolhidos em cada lar de infância e juventude poderá ter também grande pertinência empírica, de forma a perceber as diferenças entre as dinâmicas de uma instituição de pequena e de grande dimensão, na promoção de autonomia e satisfação com a vida.

Neste estudo foi tida como base de análise a percepção do próprio jovem face à sua autonomia. Em estudos futuros, essa percepção poderá ser analisada comparativamente à percepção dos agentes educativos envolventes.

Também a influência de outras variáveis, na autonomia, satisfação com a vida e instituição, poderá ser analisada, como é o caso da existência de psicopatologias, perturbações da vinculação, até mesmo o tempo e o motivo de institucionalização.

Finalmente sugere-se que, no futuro, investigações poderão tentar perceber a relação existente entre o desenvolvimento de competências instrumentais e a aquisição da autonomia.

5. Bibliografia

Amado, J., Limão, I, Ribeiro, P. & Pacheco, V. (2003, Out-Dez). *Boletim do IAC*, 70(8).

American Psychological Association. (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association* (6th ed.). Washington: American Psychological Association;

Analysis of Moment Structures (versão 18). [Software de Computador]. Crawfordville, FL: Amos Development Corporation.

Andrews, F.M. & Robinson, J. P. (1991). Measures of Subjective Wel-Being. In J. P. Robinson, P. R. Shaver & L. S. Wrightsman (Eds.). *Measures of Personality and Social Psychological Attitudes*. (pp.61-114). San Diego: Elseiver. Acedido em, 23, Julho, 2011 em <http://books.google.pt>.

Barros, L. P., Gropo, L. N., Petribú, K. & Colares, V. (2008) Avaliação da qualidade de vida em adolescentes – revisão da literatura. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 57(3), 212-217. doi: 10.1590/S0047-20852008000300009.

Bronfenbrenner, U. (1996) *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original em inglês publicado em 1979)

Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998) *Metodologia da Investigação. Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Cavalcante, L. I. C., Magalhães, C. M. C. & Pontes, F. A. R. (2007) Institucionalização precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento. *Aletheia*, 25, 20-34.

Chirkov, V. & Ryan, R. (2001). Parent an Teacher Autonomy-Support in Russian and U.S. Adolescents: Common Effects on Well-Being and Academic Motivation. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32 (5), 618-635.

Clench-Aas, J., Nes, R. B., Dalgard, O. S. & Aarø, L. E. (2011). Dimensionality and measurement invariance in the Satisfaction with Life Scale in Norway. *Quality of Life Research*. doi: 10.1007/s11136-011-9859-x

Cohen, J. (1988) *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2ª Ed.). New York: Lawrence Erlbaum Associates.

Decreto-Lei nº64/2007. “D. R. Série I” 52 (2007-03-14) 1606-1613.

Del Valle, J. F. & Fuertes Zurita, J. (2000). *El acogimiento residencial en la protección a la infancia*. Madrid : Piramide.

Del Valle, J. F. & Quintanal, J. L. G. (2005). *Programa Umbrella: Apoyo en la transición de los jóvenes a la vida adulta*. Manuscrito não publicado, Universidad de Oviedo.

Despacho Sr. Secretário de Estado Segurança Social (2006-01-19).

Dew, T. & Huebner, E. S. (1994). Adolescent's perceived quality of life: an exploratory investigation. *Journal of School Psychology*, 32, 185-199.

Dickey, S. B. & Deatrck, J. (2000). Autonomy and Decision Making for Health Promotion in Adolescence. *Pediatric Nursing*, 26(5), 461-467/481-482. Acedido em, 12, Abril, 2010, em [http:// findarticles.com](http://findarticles.com).

Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.

Diener, E. & Diener, M. (1995). Cross-Cultural Correlates of Life Satisfaction and Self-Esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(4), 653-663.

Diener, E., Emmons, A. E., Larsen, R. J. & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.

Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E. & Smith, H. E. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125(2), 276–302.

Diener, E., Suh, E. & Oishi, S. (1997). Recent Findings on Subjective Well-Being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24(1), 25-41.

Diener, E., Suh, E. M., Smith, H. & Shao, L. (1995). National differences in reported subjective well-being: Why do they occur? *Social Indicators Research Special Issue: Global Report on Student Well-Being*, 34, 7-32.

Eccles, J. S., Buchanan, C. M., Flanagan, C., Fuligni, A., Midgley, C. & Yee, D. (1991). Control Versus Autonomy During Early Adolescence. *Journal of Social Issues*, 47(4), 53-68.

Espírito Santo, H. & Cunha, M. (2009). *Regras de Escrita de Trabalhos de Investigação Científica e Dissertações de Mestrado*. Manuscrito não publicado, Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra.

Ferguson, Y. L., Kasser, T. and Jahng, S. (2011). Differences in Life Satisfaction and School Satisfaction Among Adolescents From Three Nations: The Role of Perceived Autonomy Support. *Journal of Research on Adolescence*, 21. doi: 10.1111/j.1532-7795.2010.00698.x

Fernández-Molina, M., Del Valle, J., Fuentes, M. J., Bernedo, I. M. & Bravo, A. (2011). Problemas de conducta de los adolescentes en acogimiento preadoptivo, residencial y con familia extensa. *Psicothema*, 23(1), 1-6.

Fleming, M. (1993). *Adolescência e Autonomia. O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. (2ª edição) Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento.

Fleming, M. (2005a). Adolescent Autonomy: Desire, Achievement and Disobeying Parents between Early and Late Adolescence. *Australian Journal of Education and Development Psychology*, 5, 1-16.

Fleming, M. (2005b). Género y Autonomia en la Adolescencia: Las diferencias entre chicos y chicas aumentan a los 16 años. *Revista Electronica de Investigación Psicoeducativa y Psicopedagógica*, 6-3(2), 33-52. Acedido em, 20, Março, 2010 em <http://www.investigacion-psicopedagogica.org>.

Frisch, M. B. (2006). *Quality of Life Therapy: Applying a Life-Satisfaction to Positive Psychology and Cognitive Therapy*. New Jersey: John Wiley & Sons. Acedido em, 20, Junho, 2011 em <http://books.google.pt>.

Galinha, I. & Pais Ribeiro, J. L. (2005). História e Evolução do Conceito de Bem-Estar Subjectivo. *PSICOLGIA, SAÚDE & DOENÇAS*, 6(2), 203-214.

Gomes, I. (2010). *Acreditar no Futuro*. Alfragide: Texto Editores.

Graça, J., Calheiros, M. M. & Martins, A. (2010). Adaptação do Questionário de Autonomia nos Adolescentes para a língua portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 2 (8), 237-250.

Han, E & Choi, N. (2006). Korean institutionalized adolescents' attributions of success and failure in interpersonal relations and perceived loneliness. *Children and Youth Services Review*, 28, 535-547.

Hanrahan, S. J. (2005). Using Psychological Skills Training from Sport Psychology to Enhance the Life Satisfaction of Adolescent Mexican Orphans. *Athletic Insight*, 7(3), 7-13.

Huebner, E. S. (1991a). Initial development of the Student' Life Scale. *School Psychology International*, 12, 231-240.

Huebner, E. S. (1995). The Students' Life Satisfaction Scale: An assessment of psychometric properties with black and white elementary school students. *Social Indicators Research*, 34, 315-323.

Instituto da Segurança Social (2010). *Plano de Intervenção Imediata: Relatório de Caracterização das Crianças e Jovens em Situação de Acolhimento em 2009*. Lisboa: Instituto da Segurança Social.

Jagodzinski, W. (2011). Autonomy, religiosity and national identification as determinants of life satisfaction: A theoretical and empirical model and its application to Japan. *Contemporary Japan*, 23 (1), 93-127. doi: 10.1515/cj.2011.006

Lei nº 147/99 “D. R. Série I-A” 204 (1999-9-1) 6115-6132.

Maia, A., Guimarães, C., Carvalho, C., Capitão, L., Carvalho, S. & Capela, S. (2007). Maus-tratos na infância, psicopatologia e satisfação com a vida: um estudo em jovens portugueses. *Actas do II Congresso de Família, Saúde e Doença*, Braga. Actas. Acedido em, 6, Janeiro, 2011, em <http://hdl.handle.net/1822/7066>

Maroco, J. (2010a). *Análise Estatística: com utilização do SPSS*. (Ed. Rev.) Lisboa: Edições Sílabo.

Maroco, J. (2010b). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, Software & Aplicações*. Pêro Pinheiro: Report Number.

Marques, S. C., Pais Ribeiro, J. L. & Lopez, S. J. (2007). Validation of a Portuguese Version of the Students’ Life Satisfaction Scale. *Applied Research in Quality of Life*, 2, 83-95. doi: 10.1007/s11482-007-9031-5

Matos, M. G., Carvalhosa, S. F., Simões, C., Branco, J. & Urbano, J. (2004). Risco e protecção na adolescência: o adolescente, os amigos, a família e a escola. *Aventura Social & Saúde*, 8(1). FMH/IHMT/CMDT/FCT/CNLCSida.

Matos, M., Gonçalves, A., Gaspar, T. (2005). *Aventura social e saúde: prevenção do VUH numa comunidade migrante*. Lisboa: FMH/UTL.

McElhaney, K. B. & Allen, J. P. (2001). Autonomy Adolescent Social Functioning: The Moderating Effect of Risk. *Child Development*, 72(1), 220-235.

Michalos, A. C. (2003). *Essays on the Quality of Life*. Em *Social Indicators Research Series*. (Vol. 19). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

Mota, C. P. & Matos, P. M. (2008). Adolescência e Institucionalização numa Perspectiva de Vinculação. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 367-377.

Neto, F. (1993). The Satisfaction with Life Scale: Psychometrics Properties in na Adolescent Sample. *Journal of Youth Adolescence*, 22(2), 125-134.

Neto, F. (2001). Satisfaction with Life Among Adolescents from Immigrant Families in Portugal. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(1), 53-67.

Noom, M. J. (1999). *Adolescent Autonomy: Characteristics and Correlates*. Delft: Eburon.

Noom, M. J., Dekovic, M. & Meeus, W. (1999). Autonomy, attachment and psychosocial adjustment during adolescence: a double-edged sword?. *Journal of Adolescence*, 22, 771-783.

Noom, M. J., Dekovic, M. & Meeus, W. (2001). Conceptual Analysis and Measurement of Adolescent Autonomy. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(5), 577-595.

Noom, M. J., Winter, M. & Korf, D. (2008). The care-system for homeless youth in the Netherlands: Perceptions of youngsters through a peer research approach. *ADOLESCENCE*, 43(170), 303-316.

Oliva, A. (2000, Maio-Junho). *Personal, Social and Family Correlates of Emotional Autonomy in Adolescence*. Estudo apresentado em Seventh Biennial Conference of the European Association for Research on Adolescence, Jena, Alemanha.

Oliva, A. & Parra, A. (2001). Autonomía emocional durante la adolescencia. *Infancia y Aprendizaje*, 24(2), 181-196.

Parra, A. & Oliva, A. (2009). A Longitudinal Research on the Development of Emotional Autonomy During Adolescence. *The Spanish Journal of Psychology*, 12(1), 66-75.

Pavlidis, K. & McCauley, E. (2001). Autonomy and Relatedness in Family Interactions with Depressed Adolescents. *Journal of American Child Psychology*, 29(1), 11-21.

Pavot, W., Diener, E., Colvin, R. & Sandvik, E. (1991). Further validation of the Satisfaction With Life Scale: Evidence for the cross-method convergence of self-report well-being measures. *Journal of Personality Assessment*, 57(1), 149-161.

Pavot, W., & Diener, E. (1993). Review of the Satisfaction With Life Scale. *Psychological Assessment*, 5(2), 164-172.

Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2000). *Análise de Dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS*. (2ª Ed.) Lisboa: Edições Sílabo.

Piko, B. F. & Hamvai, C. (2010). Parent, school and peer-related correlates of adolescents' life satisfaction [Resumo]. *Children and Youth Services Review*, 32(10), 1479-1482.

Proctor, C., Linley, P. A. & Maltby, J. (2010). Very Happy Youths: Benefits of Very High Life Satisfaction Among Adolescents. *Social Indicators Research*, 98, 519-532. doi: 10.1007/s11205-009-9562-2

Reichert, C. B. & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *Psico*, 38(3), 292-299.

Reina, M. C., Oliva, A. & Parra, A. (2010). Percepciones de autoevaluación: Autoestima, autoeficacia y satisfacción vital en la adolescência. *Psychology, Society, & Education*, 2(1), 47-59.

Relvas, A. P. (2000). *O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica* (2ª Ed). Porto: Edições Afrontamento.

Resolução da Assembleia da República nº26/91. “ D. R. I Série-A” 193 (23-8-1991) 4370-4388.

Ryan, R. M. & Lynch, J. H. (1989). Emotional Autonomy versus Detachment: Revisiting the Vicissitudes of Adolescence and Youth Adulthood. *Child Development*, 60, 340-356.

Salkind, N. J. (2010). Encyclopedia of Research Design, Volume 3 (Eds.). *Coefficient Alpha* (pp. 159-163). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications. Acedido em, 20, Setembro, 2011 em <http://books.google.pt>.

Santana, J. P. (2003). *Instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situação de Rua: Objectivos atribuídos por seus dirigentes e pelos jovens atendidos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Schleiffer, R. & Müller, S. (2004). Attachment Representations of Adolescents in Institutional Care. *International Journal of Child & Family Welfare*, 7(1), 60-77.

Shin, D. C. & Jonhson, D. M. (1978). Avowed happiness as an overall assessment of the quality of life. *Social Indicators Research*, 5, 745-492.

Silverberg, S. B. & Steinberg, L. (1987). Adolescent Autonomy, Parent-Adolescent Conflict, and Parental Well-Being. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(3), 293-312.

Simões, C. Matos, M. G. & Batista-Foguet, J. (2008). Saúde e felicidade na adolescência: factores individuais e sociais associados às percepções de saúde e de felicidade dos adolescentes portugueses. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 4(2), 19-38.

Siqueira, A. C. & Dell’Aglío, D. D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 71-80.

Sirgy, M. J. (2002). *The Psychology of Quality of Life*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. Acedido em, 23, Julho, 2011 em <http://books.google.pt>

Spear, H. J. & Kulbok, P. (2004). Autonomy and Adolescence: A Concept Analysis. *Public Health Nursing*, 21(2), 144-152.

Statistical Package for Social Sciences (versão 14). [Software de Computador]. Somers, NY: SPSS, Inc.

Suldo, S. M., & Huebner, E. S. (2004a). The role of life satisfaction in the relationship between authoritative parenting dimensions and adolescent problem behavior. *Social Indicators Research*, 66, 165-195.

Suldo, S. M. & Huebner, E. S. (2004b). Does life satisfaction moderate the effects of stressful life events on psychopathological behavior in adolescence?. *School Psychology Quarterly*, 19(2), 93-105.

Sun, R. C. F. & Shek, D. T. L. (2010). Life Satisfaction, Positive Youth Development, and Problem Behaviour Among Chinese Adolescents in Hong Kong. *Social Indicators Research*, 95, 455-474. doi: 10.1007/s11205-009-9532-9

Steinberg, L. & Siverberg, S. (1986). The vicissitudes of autonomy. *Child Development*, 57, 841-850.

Strobel, M., Trumasjan, A. & Spörrle, M. (2011). Be yourself, believe in yourself, and be happy: Self-efficacy as a mediator between personality factors and subjective well-being. *Scandinavian Journal of Psychology*, 52, 43-48.

Terry, T. & Huebner, E.S. (1995). The relationship between self-concept and life satisfaction in children. *Social Indicators Research*, 35, 39-52.

Teso, A. P. (2006). *Administrações Públicas y Protección de la infância: en especial estudio de la tutela administrativa de los menores desamparados*. INAP: Ministério de Administrações Públicas. Acedido em 12, Abril, 2010, de <http://books.google.pt>

Timonen-Kallio, E. (Ed.). (2000). *Itsenäisen elämän ABC. Umbrella Työkirjamenetelmän käsikirja*. Turku: Kaarinan sosiaalialan oppilaitos.

Valois, R. F., Zullig, K. J., Huebner, E. S. & Drane, J. W. (2009). Youth Development Assets and Perceived Life Satisfaction : Is there a relationship ?. *Applied Research in Quality of Life*, 4, 315-331. doi: 10.1007/s11482-009-9083-9

Veenhoven, R. (1991). Is Happiness Relative? *Social Indicators Research*, 24, 1-34.

Veenhoven, R. (2000). Freedom and Happiness: A comparative study in 46 nations in the early 1990's. In E. Diener & E. M. Suh (Eds.) *Culture and subjective wellbeing*. (pp. 257-288). Cambridge: MTI.

Veenhoven, R. (2004). Happiness as an Aim in Public Policy. In A. Linley & S. Joseph (Eds.), *Positive Psychology in Practice* (Cap. 39), Hoboken, E.U.A.: John Wiley & Sons.

Veiga, C. & Ynoub, R. (2002). Proyecto de Vida y Construcción del Proyecto Ocupacional en Adolescentes en Alto Riesgo Psicosocial. *Acta Psiquiátrica y Psicológica de América Latina*, 48(1-4), 50-60.

Velarde, M. C. C. & Martínez U., P. (2008). Perspectiva temporal futura en adolescentes institucionalizados. *Revista de Psicología*, XXVI(2), 256-276.

Yunes, M. A. M., Miranda, A. T. & Cuello, S. E. S. (2004). Um Olhar Ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do Desenvolvimento Humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Wang, Q., Pomerantz, E. M., & Chen, H. (2007). The role of parents' control in early adolescents' psychological functioning: a longitudinal investigation in the United States and China. *Child Development*, 78, 1592–1610.

Whitbeck, L. B., Hoyt, D. R., & Ackley, K. A. (1997). Families of homeless and runaway adolescents: A comparison of parent/caretakers and adolescent perspectives on parenting, family violence, and adolescent conduct. *Child Abuse and Neglect*, 21, 517-528.

Zegers, M. A. M., Schuengel, C., Ijzendoorn, M. H. V. & Janssens, J. M. A. M. (2006). Attachment Representations of Institutionalized Adolescents and Their Professional Caregivers: Predicting the Development of Therapeutic Relationships. *American Journal of Orthopsychiatry*, 76(3), 325-334.

Zegers, M. A. M. (2007) *Attachment among Institutionalized Adolescents: Mental Representations, Therapeutic Relationships and Problem Behavior*. Tese de Doutorado, Institute for the Study of Education and Human Development, Amsterdam. Acedido em, 6, Janeiro, 2011 em <http://dare.uvu.vu.nl/bitstream/1871/11066/5/8111.pdf>

Apêndice A1 – Escala de Satisfação com a Instituição

Esta ficha tem apenas objectivos estatísticos e de investigação, e é garantida a total confidencialidade das respostas. Sendo assim, peço-te que respondas às questões colocadas com total sinceridade (verdade), sabendo que não existem respostas certas ou erradas. Para uma maior confidencialidade (protecção da tua identidade), escreve as tuas respostas em “letra de máquina” (**exemplo: VERDADE**).

1. Sexo: Feminino Masculino
2. Data de nascimento: ___/___/____
3. Habilitações literárias (último ano escolar que terminaste): _____
4. Estudante: Sim Não
 - 4.1. Se frequentas algum curso, diz qual é:

5. Trabalhador: Sim Não
 - 5.1. Se és trabalhador, especifica em que trabalhas:

6. Há quanto tempo estás nesta instituição: _____
 - 6.1. Localidade da instituição: _____
 - 6.2. Quantos jovens vivem na instituição: _____
7. Já estiveste noutras instituições: Sim Não
8. Qual foi a razão para a tua institucionalização (Porque vieste para o lar)?

9. Na tua instituição, achas que tens autonomia (liberdade)?
 Nada Muito pouco Suficiente Muito Toda
10. Existem regras?
 Nenhumas Poucas Está bem assim Muitas Imensas

Volte a página.

11. No quadro seguinte, lê as palavras e faz uma cruz no rectângulo que mostra o quanto gostas ou não gostas

	Não gosto nada	Gosto muito pouco	Gosto mais ou menos	Gosto muito	Gosto muitíssimo	Não há
Instituição (lar)						
Instalações (a casa)						
Adultos (cozinheiro, motorista, empr.limpeza, ...)						
Educadores/ Monitores/ Prefeitos						
“Doutores” / Técnicos (Psicólogo, Assistente Social, Ed. Social)						
Direcção						
Colegas da Casa						
Tarefas (fazer a cama, arrumar, limpar, pôr a mesa, ...)						
Actividades de lazer (desporto, ouvir musica, internet, ...)						

Outras actividades (teatro, trabalhos manuais, catequese, ginásio, ...)						
Regras						
Castigos						

Data: ____/____/____

Apêndice A2 – Carta de apresentação do estudo

Exma Sra. XXX

Boa tarde,

Na sequência do contacto efectuado pela anteriormente, venho por este meio apresentar-me e ao estudo que pretendo desenvolver, com a vossa colaboração.

O meu nome é Magda Neves, sou Psicóloga da Educação e estou a realizar o 2º ciclo em Psicologia Clínica e Psicoterapias no Instituto Miguel Torga, em parceria com o Instituto Politécnico de Leiria.

No âmbito deste Mestrado, estou a efectuar um estudo sobre Autonomia e Satisfação de Vida dos adolescentes institucionalizados. Concretamente, pretendo perceber as diferenças existentes, em relação às variáveis já mencionadas, entre os adolescentes integrados em Lar de Infância e Juventude e aqueles que se encontram em Apartamentos de Autonomização.

A partir desta investigação é esperado que surja uma reflexão sobre o desenvolvimento da autonomia e a plenitude do desenvolvimento psicológico destes adolescentes.

Espera-se também que este estudo encontre evidências que sustentem a continuação do investimento em Apartamentos de Autonomização, para que contribuam activamente no processo de transição da adolescência para a adultícia.

Para tal, estou a contactar-vos para solicitar algumas informações, assim como a autorização para a aplicação dos instrumentos na população por vós acolhida.

A amostra será constituída por adolescentes com idades compreendidas entre os 13 e os 21 anos de idade, residentes em Lar de Infância e Juventude ou Apartamento de Autonomização, que estejam institucionalizados há pelo menos três meses, e que não sofram de deficiência mental.

Gostaria de saber quantos jovens, da vossa instituição, estariam abrangidos por estes critérios e em que tipo de resposta social se encontram.

Como todos os participantes se encontram á vossa tutela, será necessário o preenchimento de uma declaração de «consentimento informado» para cada jovem.

Gostaria também de saber a vossa opinião sobre o melhor procedimento de operacionalização dos instrumentos.

Os instrumentos são compostos por três questionários de auto-resposta, sendo eles uma ficha de dados biográficos, um questionário relativo à autonomia e outro à satisfação de vida. A sua aplicação demora 10 a 15 minutos e será assegurada a confidencialidade e voluntariedade dos participantes.

Manifesto a minha disponibilidade para qualquer tipo de esclarecimento, ficando a aguardar a vossa resposta.

Atentamente,

Magda Neves

e-mail: xxxxxxxx@gmail.com

Telemóvel: xxx xxx xxx

Anexo 1 – Questionário de Autonomia nos Adolescentes

Questionário 1 – Questionário de Autonomia nos Adolescentes (QAA)

(Noom, 1999; adaptado por Graça, Calheiros & Martins, 2010)

Este questionário contém afirmações sobre várias atitudes e comportamentos. Para que possamos compreender melhor as tuas características individuais. Sabendo que não existem respostas certas ou erradas, lê com atenção cada uma das afirmações e assinala, por favor, com sinceridade a resposta que melhor caracteriza a tua maneira de ser, de acordo com a seguinte escala:

- 1- Nada característico de mim (Nada parecido comigo)
- 2- Pouco característico de mim (Pouco parecido comigo)
- 3- Algumas vezes característico de mim (Algumas vezes parecido comigo)
- 4- Bastante característico de mim (Bastante parecido comigo)
- 5- Muito característico de mim (Muito parecido comigo)

	Nada característico de mim	Pouco característico de mim	Algumas vezes característico de mim	Bastante característico de mim	Muito característico de mim
1. Noto que tenho dificuldade em decidir o que quero	1	2	3	4	5
2. Quando actuo contra a vontade de alguém, costumo ficar nervoso/a	1	2	3	4	5
3. Vou directo/a aos meus objectivos	1	2	3	4	5
4. Consigo fazer uma escolha facilmente	1	2	3	4	5
5. Tenho uma forte tendência para ceder aos desejos dos outros	1	2	3	4	5
6. Muitas vezes não sei o que pensar	1	2	3	4	5
7. Sinto dificuldade em começar uma nova actividade sozinho/a	1	2	3	4	5
8. Quando discordo de alguém, eu digo-lhe	1	2	3	4	5
9. Quando me perguntam o que quero, sei imediatamente o que responder	1	2	3	4	5
10. Consigo iniciar facilmente novos projectos ou actividades sozinho/a	1	2	3	4	5
11. Concordo muitas vezes com os outros, mesmo que não tenha a certeza	1	2	3	4	5
12. Sou uma pessoa corajosa	1	2	3	4	5
13. Mudo frequentemente de opinião depois de ouvir as outras pessoas	1	2	3	4	5
14. Sinto-me rapidamente à vontade numa situação nova	1	2	3	4	5
15. Muitas vezes hesito em relação ao que fazer	1	2	3	4	5

Anexo 2 – Escala de Satisfação com a Vida

Questionário 2 – Escala de Satisfação com a Vida (ESCV) (Huebner, 1991a; adaptado por Marques, Pais Ribeiro & Lopez, 2007)

Gostaríamos de saber que pensamentos tens tido acerca da tua vida durante *as últimas semanas*. Pensa acerca da forma como passas cada dia e cada noite e de como tem sido a tua vida a maior parte deste tempo. As sete questões abaixo pedem-te para indicares a satisfação com a tua vida. Circula as palavras a seguir a cada frase que indicam o grau em que concordas ou discordas com cada frase. Por exemplo, se concordas totalmente com a frase “a vida é boa”, colocas um circulo em volta dessas palavras.

Exemplo:

A vida é boa.

Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
---------------------	------------------------	----------------	----------------	------------------------	---------------------

1. A minha vida está a correr bem.

Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
---------------------	------------------------	----------------	----------------	------------------------	---------------------

2. A minha vida é perfeita.

Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
---------------------	------------------------	----------------	----------------	------------------------	---------------------

3. Eu gostaria de mudar muitas coisas na minha vida.

Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
---------------------	------------------------	----------------	----------------	------------------------	---------------------

4. Eu desejava ter uma vida diferente.

Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
---------------------	------------------------	----------------	----------------	------------------------	---------------------

5. Eu tenho uma vida boa.

Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
---------------------	------------------------	----------------	----------------	------------------------	---------------------

6. Eu tenho na vida o que quero.

Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
---------------------	------------------------	----------------	----------------	------------------------	---------------------

7. A minha vida é melhor do que a vida da maioria das outras pessoas da minha idade.

Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo pouco	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
---------------------	------------------------	----------------	----------------	------------------------	---------------------

